

II Simpósio Internacional da  
Associação Nacional de História de Enfermagem - ANHE

# Enfermagem na 1ª metade do século XX

## *Cenários e contextos*

*Resumos do II Simpósio Internacional da ANHE*



### **Organizadores**

Viriato Moreira  
Óscar Ferreira  
Helga Rafael  
Cristina Baixinho  
Luís Lisboa Santos  
Tiago Casaleiro  
Isabel Soares



Lisboa, 2016  
PORTUGAL

## Ficha Técnica

**Título** // Enfermagem na 1ª metade do século XX: *Cenários e contextos*

**Subtítulo** // *Resumos do II Simpósio Internacional da ANHE*

### >> Organizadores

Viriato Moreira  
Óscar Ferreira  
Helga Rafael  
Cristina Baixinho  
Luís Lisboa Santos  
Tiago Casaleiro  
Isabel Soares

### >> Revisores Científicos

Óscar Ferreira, Prof. ESEL e investigador UI&DE  
Luís Lisboa Santos, Prof. ESEFSM e investigador UI&DE  
Ana Maria Barros Pires, Prof. IPB  
Alice Curado, Prof. ESEL e investigadora UI&DE  
Isabel Ferraz, Prof. ESEL e investigadora UI&DE  
Helga Rafael, Prof. ESEL e investigadora UI&DE  
Cristina Baixinho, Prof. ESEL e investigadora UI&DE  
Leandra Vasconcelos, Tec. Sup. Arquivista ESEL  
Taka Oguisso, Prof. Universidade S. Paulo  
Siles Gonzalez, Prof. Escuela Universitária da Universidade de Alicante  
Isidoro Jiménez Rodrigéz, Prof. Univ. Rey Juan Carlos  
Fernando Porto, Prof. e Investigador da LAESHE, Brasil  
Paulo Fernando de Souza Campos, Investigador do LAESHE, Brasil  
Olga Rodrigo Pedrosa, Prof. Escuela Universitária d'Infermeria, Barcelona  
Helena Silva, Prof. e Investigadora do IHC, Lisboa  
Manuel Solórzano Sánchez, Hospital Univ. Donostia, San Sebastian



**Edição** // Associação Nacional de História de Enfermagem – ANHE, 2016

Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa

**Imagem** // Pedro Moreira, Daniel Miranda, Audiovisuais ESEL

**e-mail** // [anhe.geral@gmail.com](mailto:anhe.geral@gmail.com)

**web** // [www.anhe.pt](http://www.anhe.pt)

**ISBN** // 978-989-97181-5-9

<b>FICHA TÉCNICA</b>	<b>1</b>
<b>PREFÁCIO</b>	<b>5</b>
<b>NOTA INTRODUTÓRIA</b>	<b>6</b>
<b>PROGRAMA</b>	<b>7</b>
<b>1. MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE DE ENFERMAGEM</b>	<b>7</b>
1.1 Os desafios das memórias da Enfermagem: da Crimeia à Saúde Global	7
1.2 História, memória e identidade da Enfermagem: pela sinopse dos nossos estudos de história	7
1.3 Um convento, uma enfermaria, uma biblioteca	11
<b>2. DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA AO CONHECIMENTO DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM</b>	<b>12</b>
2.1 La enseñanza que nos brinda la Historia: reflexiones sobre el origen de algunas practicas enfermeras	12
2.2 Investigação histórica em Enfermagem: o caso da Grande Guerra	12
2.3 A inter-relação de estudos e o conhecimento dos cuidados de enfermagem em Portugal na primeira metade do século XX	12
<b>3. IMAGEM SOCIAL DA ENFERMAGEM ATRAVÉS DO TRAJE</b>	<b>13</b>
3.1 O traje da enfermeira nas perspetivas de género	13
3.2 Uso da Indumentária da enfermeira nas propagandas e publicidades veiculadas na imprensa brasileira	13
<b>4. COMUNICAÇÕES LIVRES</b>	<b>14</b>
<b>9 NOVEMBRO   11.30 – 13:00H   ANFITEATRO</b>	<b>14</b>
4.1 O ensino de enfermagem de saúde pública na reforma de 1965 no curso de enfermagem geral, em Portugal.	14
4.2 Percurso histórico da revista baiana de enfermagem	16

4.3 O "cuidar": transcendendo as barreiras da guerra	18
4.4 Escrevendo a história das parteiras: ajudar a nascer em casa no norte de Portugal	20
4.5 Enfermagem de Saúde Pública e Políticas de Saúde em Portugal (1900-1950)	22
4.6 O ensino de enfermagem no Porto e em Lisboa (1918 – 1922): Semelhanças e Diferenças	24
<b>9 NOVEMBRO   11:30 – 13:00H   SALA PARALELA</b>	<b>26</b>
4.7 O <i>infirmarius</i> : origens medievais do enfermeiro	26
4.8 O internato das alunas de enfermagem enquanto locais de formação moral e profissional	28
4.9 O Hospital Real de Todos os Santos: administração, espaços e servidores durante a União Ibérica (Segunda déc. do Séc.XVII)	30
4.10 Los Tribunales y Juicios de la Santa Inquisición de Toledo. El control de la religión y medicina, respecto a los cuidados populares femeninos.	32
4.11 Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: um estudo histórico no período de 1935 a 1974	34
<b>9 NOVEMBRO   16:30 – 18:00H   ANFITEATRO</b>	<b>35</b>
4.12 La figura del Ayudante Técnico Sanitario (1953-1977): contribución de la medicina al desarrollo de la profesión enfermera en España	35
4.13 A antecipação das questões éticas por Filosofia da Educação: a leitura dum programa de enfermagem	37
4.14 A moral profissional da enfermeira em 1937 na perspectiva de Isabel D' Orey	38
4.15 As funções dos enfermeiros em hospitais de pequenas dimensões na década de 30 do século XX	40
4.16 La escuela de enfermeras de la Cruz Roja tarraconense (1918-1981): pionera en la enseñanza formal de la profesión en Tarragona	42
4.17 Pioneras en la autonomía profesional y disciplinar en la Enfermería en Catalunya, España	44
<b>10 NOVEMBRO   11:00 – 12:30H   ANFITEATRO</b>	<b>46</b>
4.18 Damas auxiliares de sanidad militar	46
4.19 Parteiras ou Enfermeiras? A profissionalização do cuidado obstétrico e materno-infantil em Portugal no decorrer do século XX	47

<b>4.20 Cuidados aos psychopathas: representações da enfermagem no primeiro manual de enfermagem psiquiátrica brasileiro</b>	<b>49</b>
<b>4.21 Da admissão à alta: o percurso dos doentes e o papel dos enfermeiros no Hospital Real de Todos os Santos durante a União Ibérica (1616-1617)</b>	<b>51</b>
<b>4.22 Enfermagem nos Diários das Sessões das Câmaras de Representantes em Portugal: Da Monarquia Constitucional ao fim do Estado Novo (1821-1974)</b>	<b>53</b>
<b>4.23 Do cuidar vocacional ao cuidar profissional: o exemplo da nobreza ibero-americana na 1ª metade do século XX (1951 - 1962).</b>	<b>55</b>
<b>10 NOVEMBRO   14:30 – 16:00H   ANFITEATRO</b>	<b>57</b>
<b>4.24 O quadro funcional dos enfermeiros no hospital de S. José e Anexos de Lisboa em 1901 e 1918</b>	<b>57</b>
<b>4.25 Imagens representativas do passado histórico dos uniformes de enfermagem nas décadas de 40 e 50</b>	<b>59</b>
<b>4.26 Reflexionando a cerca de la simbologia del uniforme en la Facultadd de enfermeria de la URV</b>	<b>61</b>
<b>4.27 El último hospital palacio de la Península Ibérica. Evolución de los cuidados enfermeros.</b>	<b>63</b>
<b>4.28 ¿Qué fue la enfermería en la medicina hipocrática? Su mensaje para el mundo actual</b>	<b>65</b>
<b>4.29 Motivações da expansão do número de vagas para o ensino em enfermagem em Portugal: estudo dos textos legislativos no período de 1935 a 1974</b>	<b>67</b>
<b>10 NOVEMBRO   14:30 – 16:00H   SALA PARALELA</b>	<b>68</b>
<b>4.28 Enfermeiros Transculturais – a mobilidade profissional em contextos de diversidade cultural</b>	<b>68</b>
<b>4.29 La escuela de enfermeras Santa Isabel de Hungría a traves de la prensa</b>	<b>70</b>
<b>4.30 El Enfermero Mayor en el Hospital de San Lorenzo El Real de El Escorial (1563-1599)</b>	<b>72</b>
<b>4.31 "...tratar dos doentes da enfermaria com toda a caridade...": norma e desvio no ofício de enfermeiro do Hospital Real da Santa Casa da Misericórdia do Porto (1771-1800)</b>	<b>74</b>
<b>4.32 Pilar de Borbón princesa e estudante de enfermagem (1951 - 1962).</b>	<b>75</b>
<b>4.33 O centenário de Haydée Guanais dourado: contributos para a enfermagem no norte-nordeste do Brasil</b>	<b>77</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>79</b>

## PREFÁCIO

Na sequência do *II Simpósio Internacional da ANHE*, realizado em 9 e 10 de novembro de 2015, na insigne Escola Superior de Enfermagem de Lisboa – Pólo Artur Ravara e cuja temática versou sobre a *Enfermagem na 1ª metade do século XX: cenários e contextos*, é agora dada à estampa esta obra sobre o formato de e-book a qual reúne a maioria dos resumos dos excelentes trabalhos aí apresentados por uma trintena de investigadores.

Este livro agora publicado, na sequência do que já havia acontecido anteriormente, aquando do I Simpósio organizado por esta Associação, tem como principal objetivo lembrar os temas trabalhados nas diferentes mesas pelos peritos que nelas participaram e divulgar os resumos das comunicações livres aí apresentadas e de alguma forma preservar para memória futura o que nesses dois dias de novembro foi trabalhado e discutido entre investigadores portugueses, espanhóis e brasileiros aí presentes.

Importa ainda lembrar, no decorrer deste evento, dois momentos de relevo para a história da enfermagem, os quais estas páginas não conseguem ilustrar. Um deles teve que ver de alguma forma com a museologia, pois no primeiro dia em que decorreram as atividades foi inaugurada a exposição “O uniforme na enfermagem: seis décadas de história (Séc. XX), a qual esteve aberta em permanência durante todo o Simpósio e da qual se espera resulte em breve uma brochura. O outro aconteceu na tarde do último dia, com uma homenagem póstuma promovida entre a Associação Nacional de História de Enfermagem e a Associação Portuguesa de Enfermeiros à Enfª Marília Pais Viterbo de Freitas, sócia fundadora da ANHE, investigadora e divulgadora da história da enfermagem e ex-presidente da direção da APE, a qual contou com a participação e testemunho de inúmeros familiares e amigos.

Resta desejar que as atas destes Simpósios da ANHE sejam as segundas de muitas outras que se esperam se lhes sigam e que elas possam contribuir também para criar em todos aqueles que a elas tenham acesso informação histórica sobre a enfermagem e um estímulo para aprofundarem e desvelarem conhecimento sobre a identidade desta profissão / disciplina e a forma como a sua prática, o seu ensino e a investigação se desenvolveram ao longo dos tempos.

Óscar Ferreira

Presidente da Direção

Associação Nacional de História de Enfermagem – ANHE

## NOTA INTRODUTÓRIA

A Associação Nacional de História de Enfermagem (ANHE) sente-se honrada em apresentar o resultado do II Simpósio Internacional centrado na ***Enfermagem na 1ª metade do século XX: cenários e contextos***, que decorreu na Escola Superior de Enfermagem de Lisboa Polo Artur Ravara nos dias 9 e 10 de novembro de 2015.

A realização de um evento com este recorte temático está em sintonia com a finalidade com que foi criada a ANHE - promover o desenvolvimento da História de Enfermagem no sentido de conhecer o passado para compreender o presente e perspetivar o futuro.

Este foi um local de encontro de investigadores dedicados ao estudo da história de Enfermagem, que partilharam as suas pesquisas com professores, estudantes, enfermeiros, historiadores e outros interessados pela História da Enfermagem.

A organização do evento buscou reunir neste Simpósio um grupo de pesquisadores altamente qualificados, que apresentaram os seus estudos em torno de três mesas: *Memória, história e identidade de enfermagem; Da investigação histórica ao conhecimento dos cuidados de enfermagem e a Imagem social da enfermagem através do traje*. Também as comunicações livres, que ultrapassaram as três dezenas, contribuíram para enriquecer este evento e compor este e-book.

**DE REALÇAR A EXPOSIÇÃO - HISTÓRIA DOS UNIFORMES DE ENFERMAGEM - QUE ATRAVÉS DOS ACERVOS DE ESCOLAS, INSTITUIÇÕES DE SAÚDE E PARTICULARES POSSIBILITOU UM REVISITAR DA HISTÓRIA DOS UNIFORMES DE ENFERMAGEM INSPIRANDO, SURPREENDENDO E REVELANDO A TODOS UM CONHECIMENTO, NEM SEMPRE ACESSÍVEL, E ÓTIMOS MOMENTOS DE PRAZER E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM.**

Acreditamos que a interação e discussão entre investigadores, académicos, estudantes e enfermeiros constituíram incentivos para a ampliação do interesse pela pesquisa no âmbito da História de Enfermagem. A diversidade de perspetivas relacionadas com os estudos apresentados permitiram-nos um quadro mais amplo para o entendimento da História da Enfermagem em Portugal.

Com a publicação destes e-book, pretendemos deixar registrados os trabalhos apresentados. Por isso um agradecimento especial a todos os autores que gentilmente nos facultaram os seus resumos.

Isabel Ferraz Pereira, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa

## PROGRAMA

### 1. MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE DE ENFERMAGEM

#### 1.1 Os desafios das memórias da Enfermagem: da Crimeia à Saúde Global

Pedro Leite e Lorena Sancho Querol, Centro Estudos  
Sociais, Univ. Coimbra



#### 1.2 História, memória e identidade da Enfermagem: pela sinopse dos nossos estudos de história

Lucília Nunes, Instituto Politécnico de Setúbal

Abordagem em três partes, com maior extensão na articulação e mediação.

#### § enquadramento teórico da história

1. “a história como um encontro permanente entre o passado e o presente, no qual as preocupações do estudioso, condicionadas pelo tempo em que vive, têm de ser reconhecidas e apreciadas”<sup>1</sup>. A História de que falamos hoje e os trabalhos que produzimos hoje seriam impensáveis há quarenta anos.

Como afirma Cannadine, a expansão da História deu-se no mundo académico e fora dele. Uma “disciplina séria com um poderoso propósito público”<sup>2</sup> e, ao mesmo tempo, dotada de um reconhecido potencial recreativo e de entretenimento. A base de trabalho do historiador era estabelecer a ocorrência de um acontecimento, construir a explicação e a interpretação respectivas. Um facto tornava-se *histórico* quando era

---

<sup>1</sup> Cannadine, David (2006) Que é a História hoje? Lisboa: Gradiva, p. 8.

<sup>2</sup> Idem, p. 11



escolhido e utilizado por um historiador no seu trabalho. Ainda foi assim que aprendi sobre Teoria da História e Filosofia da História, nos meados dos anos 80.

“A incerteza e a mudança de hoje representam, para a história o desaparecimento dos modelos de compreensão, dos princípios de inteligibilidade que foram de modo geral aceites pelos historiadores (ou ao menos pela maior parte deles) a partir dos anos 60.”<sup>3</sup> Ora se a história antes olhava para os vencedores, as batalhas, os eventos públicos, dificilmente havia espaço para fazer a história de uma actividade com a de cuidar.

“Para além dos métodos e dos conteúdos, para além daquilo que se diz, uma obra julga-se por aquilo que cala. Ora é preciso constatar que os estudos científicos - e sem dúvida também as obras que privilegiam - incluem estranhas e vastas praias de silêncio. Estes brancos desenham uma geografia do *esquecido*.”<sup>4</sup> que, de certa forma e até ao século XXI afetou a história de enfermagem.

2. Segundo Paul Ricoeur, em *La mémoire, l'histoire et l'oubli*, a defesa de uma memória "esclarecida pela historiografia" e a de uma história erudita passível de "reanimar uma memória declinante" constitui um desafio para a historiografia do presente.

O historiador do presente desempenha, num trabalho de resgate da memória, uma função de mediador – entre os relatos das memórias e a *veracidade* histórica, entre o que permaneceu e o que é possível reconstituir, elabora um *trabalho* que gira sobre a própria temporalidade, apreendendo a relação do presente da memória (de um evento) e do passado histórico (desse mesmo evento), em função da concepção de um futuro desse passado (que é, exactamente, o presente).

### § relação entre história, memória e identidade

3. A memória e a identidade são indissociáveis, sendo o produto, sempre reactualizado, de processos que têm lugar no tempo.<sup>5</sup> Maurice Halbwachs defendia que a memória possuía sempre um carácter social e destacava o papel de determinados quadros sociais – como a família, o grupo profissional ou a classe social – enquanto matriz da memória. Para ele, a memória era uma reconstrução – e uma representação – do passado elaborada no presente. A memória – conceito que abrange, entre outros, os significados de meio de recordar e de mensagem (recordação) – possui um carácter

---

<sup>3</sup> Chartier, Roger (1994) A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, p. 97-113.

<sup>4</sup> Jacques Revel (1990) A invenção da sociedade. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa: Difel, p. 67.

<sup>5</sup> SOBRAL, José Manuel - Memória e Identidade Nacional: considerações de carácter geral e o caso português. Working Papers. (comunicação apresentada ao Colóquio “Nação e Estado: entre o local e o global”, organizado pelo Núcleo de Estudos em Sociologia da Universidade do Minho e inserida nas respectivas Actas, a publicar por Edições Afrontamento)

colectivo porque os indivíduos são socializados no âmbito de conjuntos sociais, adquirindo assim um passado inerente à sua biografia. Como observou um dos mais recentes investigadores da memória colectiva, pertencemos a *comunidades mnemónicas* – comunidades de memória –, que podem ser de âmbito micro-social como as famílias ou macro-social como as nações (Zerubavel).

3.1. A memória é um processo sempre em revisão, sendo re-actualizada em cada presente. Já afirmou Ricoeur que, ao contrário da imaginação, a memória ambiciona a “veracidade”. E toda a memória colectiva possui dimensões discursivas e não discursivas. A memória oral tem características próprias; não consiste numa repetição de um conteúdo fixo, sendo dependente do contexto e de quem reproduz a lembrança. Não é uma memória verbatim, mas uma “reconstrução generativa” do memorizado no âmbito de um esquema determinado (afirma Goody). A escrita, pelo contrário, permite a transmissão de um “corpus” – religioso, jurídico, literário, científico, historiográfico – formalmente inalterável. É passível, por certo, de leituras distintas, mas as suas características intrínsecas de texto colocam limites à interpretação.

Identidade e memória são indissociáveis, pois “ (...) o significado nuclear de qualquer identidade individual ou colectiva, que consiste principalmente no sentido de se permanecer o mesmo no tempo e no espaço, sustenta-se pela recordação; e o recordar é definido pela identidade assumida” (Gillis).

3.2. As identidades nacionais são formas específicas da identidade colectiva. A fixação de um território é um aspecto fulcral na formação das identidades nacionais, pois, a constância de lugar fornece um sentido de se permanecer o mesmo ao longo do tempo, não obstante a mudança (Zerubavel). A aquisição de uma identidade e de uma memória próprias opera-se em múltiplos espaços, das esferas geridas pelo Estado ao universo familiar ou ao de uma profissão. Que é o nosso caso. Por conseguinte, quando falamos em identidade profissional, estamos a referir práticas, experiências, estereótipos, discursos reiterados e amiúde em conflito entre si, que se reportam ao facto profissional e que só podem ser explicados de modo cabal se este for tido em conta. A memória e a identidade são o resultado de processos que desembocam em efémeros presentes. A perpetuação das identidades não assenta apenas na partilha de determinado tipo de representações sobre o conteúdo da sua história. Tem como primeiro suporte o sentimento de que a *colectividade* possui uma história e não depende de qualquer facto em particular (Billig 1992). Assenta na rotina, no quotidiano, na conversação, em tudo o que assegura a perpetuação não intencional do facto profissional.

4. Ainda segundo Paul Ricoeur, em *La mémoire, l'histoire et l'oubli*, a defesa de uma memória “esclarecida pela historiografia” e a de uma história erudita passível de “reanimar uma memória declinante” constitui um desafio para a historiografia do presente. A “Enfermagem é tão antiga como a existência mesma do homem”, é natural que as revisões históricas se iniciem na Idade Antiga e venham até à Idade

Contemporânea, inserindo-se numa determinada pesquisa e leitura históricas, fazendo, por vezes, apelo a uma integração na História Universal e à relação com o progresso da Medicina.

É reconhecida uma ruptura na ideia social da Enfermagem nos finais do século XIX - a “revolução” da Enfermagem científica, ligada à figura e à obra de Florence Nightingale, com quem se fixa o aparecimento formal da Enfermagem moderna, em 1860. Mas, em Portugal, os primeiros manuais dedicados a enfermeiros são bastante anteriores. Durante algum tempo, pensou-se que *A Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros*, publicada em 1741, depois do necessário *nihil obstat et imprimatur* das autoridades civis e religiosas, tendo como autor o Padre Frei Diogo de Santiago, religioso da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus teria sido o primeiro tratado. Mas não. Cronologicamente, o primeiro tratado de enfermagem escrito em português data de 1686, sendo autor Francisco Morato Roma, sob o título *Luz da medicina, pratica racional, e methodica*. Guia de Enfermeiros, Directorio de Principiantes. Eventualmente, precisamos de estudar e investigar mais para trás, mas na verdade temos dedicado a melhor atenção aos séculos XIX e XX.

## § a nossa investigação histórica

5. Os achados das investigações do século XX trouxeram-nos a compreensão do desenvolvimento do papel da enfermeira (e das mulheres), da enfermagem de guerra, do perfil da enfermeira (traçado desde a vocação e uma lista de virtudes), da enfermagem na Primeira República e no Estado Novo.

A construção da disciplina, com autonomia (administrativa e técnica, em 1952) ocorreu em 50 anos, materializando-se em 2002 com o primeiro doutoramento. Fazemos uma passagem pelos estudos de história de Enfermagem em Portugal – que não deixam de se revelar influenciados pelas correntes do(s) seu(s) tempo(s) – e cientes da diferença entre artigos abordando assuntos e considerando a natureza histórica, percursos histórico em áreas específicas e investigação histórica, propriamente dita, consideramos uma tipologia de três linhas diferentes: 1) obras de carácter geral, de que constituem exemplos teses que cobrem um período longo e colocam o eixo de análise numa perspectiva ampla, seguindo traços prismáticos do desenvolvimento da enfermagem (profissão, ensino, contextos socio-políticos); 2) obras centradas na história das instituições (ao caso, escolas e hospitais); 3) obras relativas a uma dada prática clínica em contexto específico.

6. Apresentação genérica dos estudos de história de enfermagem dos últimos 20 anos.

Particular enfoque às teses de doutoramento e a uma análise temática que elas permitem

Identificação dos temas da nossa história que temos aprofundado em Portugal.

Hoje, em Portugal, existem unidades de investigação que colocam a história, entre as suas linhas de pesquisa e diversos estudos de Doutoramento, em curso, associados a representações históricas da profissão, história de género, e cruzando aspectos da história e da sociologia das profissões. O desafio de trazer a metodologia histórica para aplicação ao percurso da enfermagem transforma-se em explorar as raízes da nossa identidade, construídas com método e divulgadas no presente, em que inscrevemos a nossa acção. E podemos usar todos os materiais, fontes primárias, selos, testemunhos, fotografias, acervos documentais, arquivos, filmes.

O interesse da história decorre da pergunta primordial do conhecimento acerca de quem somos e de onde viemos - e isto (re)envia-nos a uma pesquisa da memória. Sem memória não existimos porque também não podemos lembrar-nos o que aconteceu. Portanto é necessário conservar o evento e, para a narrativa, dar-lhe sentido. Sem a visão do passado e dos caminhos percorridos, não podemos assegurar

### **1.3 Um convento, uma enfermaria, uma biblioteca**

Teresa Amaral, Bibliotecária Palácio Nacional de Mafra

## 2. DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA AO CONHECIMENTO DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM

### 2.1 La enseñanza que nos brinda la Historia: reflexiones sobre el origen de algunas practicas enfermeras

Isidoro Jiménez Rodríguez, Prof. Universidad Rey Juan Carlos, Espanha

### 2.2 Investigação histórica em Enfermagem: o caso da Grande Guerra

Helena Silva, Profª e Investigadora do Instituto de História Contemporânea, Lisboa

### 2.3 A inter-relação de estudos e o conhecimento dos cuidados de enfermagem em Portugal na primeira metade do século XX

Luís Lisboa Santos, Prof. Escola Superior de Enfermagem S. Francisco das Misericórdias

### 3. IMAGEM SOCIAL DA ENFERMAGEM ATRAVÉS DO TRAJE

#### 3.1 O traje da enfermeira nas perspectivas de género

Clara Vaz Pinto, Conservadora do Museu Nacional do Traje

#### 3.2 Uso da Indumentária da enfermeira nas propagandas e publicidades veiculadas na imprensa brasileira

Fernando Porto<sup>6</sup>, Prof. e Investigador do Laboratório de Estudos em História da Enfermagem (LAESHE) Brasil



Trata-se de ensaio teórico sobre o uso da indumentária da enfermeira nas propagandas e publicidades veiculadas na imprensa brasileira, delimitada no véu, gorro e touca na perspectiva da cultura visual, visando o consumo de produtos materiais e ideológicos. Para tanto, foram utilizadas imagens de representações de mulheres que ostentassem tais atributos pessoais na cabeça. O resultado apontou para o argumento de convencimento do consumo objetivado, quando ocorreu circularidade cultural da visualidade da enfermeira na imprensa, tendo por consequência o poder de se fazer ver e crer, considerando que elas foram as messageiras de credibilidade na intencionalidade do consumo dos produtos, em virtude da assinatura imagética de cada mensagem direcionada ao seu público-alvo.

---

<sup>6</sup> Doutor em Enfermagem com pós-doutoramento. Docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Líder do grupo de pesquisa Laboratório de História do Cuidado e Imagem em Enfermagem (LACUIDEN). Presidente da Academia Brasileira de História da Enfermagem (ABRADHENF)

## 4. COMUNICAÇÕES LIVRES

**9 novembro | 11.30 – 13:00h | Anfiteatro**  
**MODERADOR: TIAGO CASALEIRO**

### **4.1 O ensino de enfermagem de saúde pública na reforma de 1965 no curso de enfermagem geral, em Portugal.**

Elisa Garcia<sup>1</sup>; José Amendoeira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda em enfermagem UCP. Investigadora da UI&DE. ESEL; <sup>2</sup>Escola Superior de Saúde de Santarém. [elisa.bernardogarcia@gmail.com](mailto:elisa.bernardogarcia@gmail.com)

**INTRODUÇÃO:** Na década de 60, a mudança de rumo que se operava na enfermagem e na saúde pública, decorrente do desenvolvimento científico, tecnológico e da conceção de saúde da OMS, levou a considerar a enfermagem de saúde pública um pilar básico da formação inicial dos enfermeiros. Esta comunicação procede do estudo, nacional, em curso no âmbito do doutoramento em enfermagem. Equaciona o ensino de enfermagem de saúde pública, na formação inicial, com o propósito de contribuir para o conhecimento da história e da formação dos enfermeiros.

**OBJETIVOS:** Pretendemos explicitar as diretrizes do plano de estudos do curso de enfermagem geral, de 1965, para a integração da enfermagem de saúde pública; Analisar o programa de enfermagem de saúde pública e orientações para o estágio de forma a identificar atividades dos alunos relacionadas com a valorização da saúde dos indivíduos, famílias, grupos e comunidade.

**METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo qualitativo com recurso à metodologia de investigação histórica com orientação heurística e análise documental (Delgado, 2002). Utilizámos como fonte documental o plano do curso de enfermagem geral, de 1965. Verificada a autenticidade e constatação do teor da informação, explorámos orientações para integração da saúde pública no curso. Centrámos a análise documental na estrutura curricular da enfermagem comunitária e orientação da formação, abarcando organização do estágio e atividades para aprendizagem dos alunos.

**RESULTADOS:** Constatou-se que o curso estava estruturado em seis períodos durante 3 anos. Pretendia proporcionar ao aluno uma formação como pessoa e como técnico. O programa da enfermagem de saúde pública foi elaborado pela Enfermeira Maria José

Semião. A introdução, com 10 h, no 1º ano, levava os alunos a compreenderem o valor da saúde, a responsabilidade na conservação e promoção da própria saúde e dos membros da comunidade. Nos estágios hospitalares os alunos, passavam pelas consultas externas faziam visitas domiciliárias, adquiriam uma visão do doente família e comunidade. A enfermagem de saúde pública, com 40h, era desenvolvida no 3º ano. Aulas, visitas de estudo, revestidas de aspetos práticos eram seguidas de 10 semanas de estágio. Este permitia o contacto com a comunidade, completava experiências, ensinamentos a grupos, visitas domiciliárias, prestação de cuidados, estudos de famílias para identificação das necessidades, utilização dos recursos da comunidade.

**CONCLUSÕES:** O curso, guiado pelos princípios da OMS, proporcionou formação equilibrada, polivalente de forma a habilitar os enfermeiros para os serviços hospitalares ou de saúde pública. A matriz curricular, com maior ênfase na saúde e ciências sociais, evidenciava a importância da preparação do enfermeiro para a função educativa tendo como referência o valor da saúde e sua promoção. Este curso constituiu um marco importante na história do ensino de enfermagem.

**DESCRITORES:** Saúde Pública; História de Enfermagem; Ensino de Enfermagem; Estágio.

**FONTES:**

- DELGADO, José Romero (2002)-Presupuestos básicos para la investigación histórico educativa. *Revista de Educacion*. Universidade de Huelva. ISSN1575-0345. Vol. XXI, nº 4. (2002) p. 203-216;
- DIREÇÃO GERAL DOS HOSPITAIS (1965) *Curso de Enfermagem Geral*. Lisboa: Acessível no arquivo histórico dos cursos da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa.



## 4.2 Percurso histórico da revista baiana de enfermagem

Gilberto Tadeu R. Silva<sup>1,2</sup>; Elaine K. Nery Carneiro<sup>1,3,4</sup>; Nubia L. Oliveira<sup>1,3</sup>; Virginia C. Oliveira Gomes<sup>1,3</sup>

<sup>1</sup> Enfermeiro; <sup>2</sup>Pós-doutor em Ensino em Ciências da Saúde. Professor Titular da Universidade Federal da Bahia. Docente credenciado no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração dos Serviços de Enfermagem – GEPASE; <sup>3</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração dos Serviços de Enfermagem – GEPASE; <sup>4</sup>Professora Substituta da Universidade Estadual de Feira de Santana. [gilberto.tadeu@ufba.br](mailto:gilberto.tadeu@ufba.br)

**INTRODUÇÃO:** A Revista Baiana de Enfermagem surge no período de redemocratização e crescimento da enfermagem, se tornando instrumento de expressão dos profissionais de enfermagem principalmente os vinculados à Escola de Enfermagem da UFBA. Prestes a completar 35 anos de existência, as vivências perpassadas em sua trajetória de implantação, reestruturação e consolidação de sua imagem, transformou-a em um espaço de reflexão e aprofundamento do conhecimento que envolve questões da prática, do ensino e da pesquisa em saúde e enfermagem.

**OBJETIVO:** Nesse sentido, busca-se resgatar a importância histórica desse veículo de comunicação na pesquisa em saúde e na enfermagem. Entendendo que o estudo de sua história fornece subsídios para elucidar o contexto vivido e fornecer os significados desse contexto (BORENSTEIN e PADILHA, 2011).

**METODOLOGIA:** Para este estudo, optamos pela investigação histórica, tendo como técnica para coleta de dados as fontes documentais, as fontes pesquisadas foram os livros ata da revista, o conteúdo da página da internet e seus exemplares durante os 34 anos de existência. A pesquisa documental permite obter informações, codificá-las e categorizá-las de forma quantitativa ou qualitativa.

**RESULTADOS:** Sua primeira edição lançada com número especial constou de 5 artigos originais, entretanto, sua segunda edição demorou quatro anos – em 1985 e 1986, com publicação semestral, devido dificuldade de recursos para o seu financiamento. A RBE não desistiu em se tornar um veículo divulgador sobre a pesquisa em enfermagem, na saúde, educação e áreas afins e hoje tem periódicos quadrimestrais. Desde a sua criação até à atualidade foram publicados 44 exemplares. Destes, 302 publicações de artigo original, 68 artigos de revisão, 41 relatos de experiência, 31 artigos de reflexão, 18 resenhas, entre outros, quantitativo que impressiona não só pelo número, mas pela qualidade das informações. Em 2010, a Revista Baiana de Enfermagem iniciou um processo de modernização com o cadastramento da revista no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas, passando a ficar totalmente digitalizada com a implementação do sistema Open Journal Systems (OJS 2.4.3.0). Alcançando a classificação B2 em 2012 pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Atualmente, alcançou padrões de indexação nas bases de dados brasileiras como BDEFN, e internacionais como a Lilacs, CUIDEN, LATINDEX, Academic Search Complete, Fuente Académica Premier e a CIBERE.

**CONCLUSÃO:** Assim, a Revista Baiana de Enfermagem - RBE reitera seu compromisso e responsabilidade com a comunidade acadêmica/científica da enfermagem brasileira, sem abrir mão da qualidade e pontualidade da informação, na busca de sempre aprimorar suas publicações e elevar o nível científico da revista.

**DESCRITORES:** História da Enfermagem; Pesquisa em Enfermagem; Ética na Enfermagem; Meios de Comunicação; Enfermagem

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BORENSTEIN, Miriam S, PADILHA, Maria I. *Enfermagem em Santa Catarina: recortes de uma história*. Florianópolis (SC): Editora Secco, 2011.

### 4.3 O "cuidar": transcendendo as barreiras da guerra

Lily Löw<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Enfermeira. Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem, da Escola de Enfermagem, da Universidade de São Paulo, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa "História, Ética e Legislação de Enfermagem" da Escola de Enfermagem da USP. [lilylow32@gmail.com](mailto:lilylow32@gmail.com)

**INTRODUÇÃO:** O presente estudo pretende relatar a participação de enfermeiras negras no processo histórico da formação da identidade e legitimidade da moderna enfermagem, considerando que o modelo eurocêntrico, invisibilizou a participação do negro na História da Enfermagem. Assim, este estudo pretende focar a história de duas mulheres negras que, em épocas diferentes, deixariam seus nomes registrados nessa História. São elas: Mary Jane Seacole e Maria Jose Barbosa, ambas deixaram seus lares, familiares e amigos para cuidarem de combatentes de guerra.

Mary Jane Seacole (1805-1881) participou intensamente na Guerra da Criméia (1854) mesmo depois de sua participação para entrar na equipe montada ter sido negada por Florence Nightingale. Para Mary Seacole a essência do "cuidar" superou a resposta negativa recebida de Florence Nightingale.

Maria José Barbosa (1895-1958), ou "Maria Soldado" participou ativamente na Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, acompanhando os combatentes como "enfermeira" da Legião Negra. Reconhecida pelo seu feito, muitos jornais da época noticiaram sua bravura. Em 1957, por ocasião do jubileu de prata do movimento constitucionalista, ela foi escolhida como mulher "símbolo de 32".

**OBJETIVO:** O objetivo deste estudo é analisar a participação de duas enfermeiras negras em guerras distintas e a importância dessa colaboração para quebrar as barreiras do preconceito racial.

**METODOLOGIA:** A metodologia do estudo utilizada foi o descritivo e histórico-social desenvolvido com base na metodologia qualitativa com utilização da pesquisa documental.

**RESULTADOS:** Como resultado constatou-se que, mesmo após a intensa participação delas na guerra, o enfermeiro negro, permaneceu invisível na enfermagem moderna. Conforme estudos de Gonçalves (2012) são raras as enfermeiras negras em posições e cargos de comando, como diretoras de departamentos de enfermagem, em grandes hospitais e outros órgãos públicos de saúde, ou ainda na direção de instituições de ensino e pesquisa. Seria necessário conferir e comparar o nível de qualificação dos eventuais candidatos. Ou haveria mesmo preconceito?

**CONCLUSÃO:** Faz-se necessário mais discussões, fóruns e debates sobre racismo na enfermagem brasileira. Essa temática poderia ser abordada na disciplina de História da Enfermagem e discutida em todo processo de formação do futuro enfermeiro.

**DESCRITORES:** Enfermagem, Mulheres Negras, Racismo, Guerra

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- CAPELATO, MH. O movimento de 1932: a causa paulista. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1982
- CAMPOS, PFS; OGUISSO T. Exclución de mujeres negras. Su Representacion em la enfermería profesional. Index Enferm. 2006;(55):27-31.
- GONÇALVES, M.E.S. A invisibilidade da mulher negra na enfermagem profissional Brasileira Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia [www.revistapindorama.ifba.edu.br](http://www.revistapindorama.ifba.edu.br) (2012)
- DOMINGUES JP. Os “Pérolas Negras”: a participação do negro na revolução constitucionalista de 1932. Afro-Ásia. 2003;29/30:199-245.
- Donato H. História da Revolução de 32. [São Paulo]: Ibrasa; 2002.

## 4.4 Escrevendo a história das parteiras: ajudar a nascer em casa no norte de Portugal

Maria Emília Bulcão Macedo Mendonça<sup>1</sup>; Ana Paula Santos Jesus Marques França<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) - Universidade do Porto; Escola Superior de Enfermagem do Porto. [emilia@esenf.pt](mailto:emilia@esenf.pt)

**INTRODUÇÃO:** Em Portugal, no século passado, a mulher dava à luz em casa. O número de nascimentos sem assistência era muito elevado e o Estado criou o apoio domiciliário ao parto, assistido por Parteiras Diplomadas. Essa assistência existiu entre a criação do Instituto Maternal, a criação dos Serviços Médico Sociais, na década de 40 e o despacho ministerial de 1986, que estabelece que *“todo o parto deve ser realizado em meio hospitalar”*. Durante este período coexistiram desde a Parteira Diplomada até à Enfermeira Especialista em Saúde Materna e Obstétrica. As suas práticas em torno do nascimento decorriam em contexto domiciliário e em contexto comunitário.

**OBJETIVO:** Aprofundar o conhecimento sobre as práticas profissionais das Parteiras/Enfermeiras Especialistas, relacionadas com o parto em casa, entre 1943 e 1986, no norte de Portugal, nomeadamente sobre as intervenções de enfermagem intraparto.

**MATERIAIS E MÉTODO:** Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizado o Método Histórico, nomeadamente a História Oral. Como fontes primárias utilizámos fontes orais (entrevistas a Parteiras/Enfermeiras Especialistas que exerceram esta atividade naquele período), fotografias de materiais, relatórios do Instituto Maternal existentes no arquivo da DGS, legislação e dados do INE.

**RESULTADOS:** Segundo o INE, em 1960, 80,64% dos partos ocorria no domicílio. Até 1974 a percentagem diminuiu para 43% e em 1990 já não tinha expressão estatística (INE, 2013).

No período estudado, as instituições de saúde funcionavam com deficiências em recursos humanos e materiais. A assistência pré-natal, para além de ser deficiente, era pouco disponível e pouco acessível, num período de natalidade elevada.

Através da análise das entrevistas, do material que fotografámos, dos arquivos e legislação consultados, ficámos a conhecer melhor como as Parteiras/Enfermeiras Especialistas assistiam ao Trabalho de Parto e ao Parto em casa.

Regra geral o primeiro contato com a parturiente ocorria no decurso do trabalho de parto. Deslocava-se ao domicílio, levando consigo o material indispensável para realizar o parto e alguns medicamentos para intervir se necessário. O marido ou a mãe normalmente estavam presentes e por vezes também a curiosa. Em caso de complicações optavam por transferir a parturiente para o Hospital mais próximo. O reconhecimento social da Parteira/Enfermeira Especialista era incomensurável por parte da população.

**CONCLUSÃO:** As Parteiras/Enfermeiras Especialistas exerceram um papel fundamental nos cuidados às mulheres durante o Parto no domicílio, contribuindo para a diminuição das taxas de mortalidade materno-infantil, à época muito elevadas. O número de partos no domicílio foi decrescendo nestas quatro décadas, à medida que as mulheres foram sendo incentivadas a terem os seus filhos no Hospital. Apesar das dificuldades e condições rudimentares em que trabalharam, os relatos das Enfermeiras demonstram que tinham autonomia, satisfação e reconhecimento social.

**DESCRITORES:** Parteiras/Enfermeiras Especialistas de Saúde Materna, Trabalho de Parto e Parto em casa.

**FONTES:**

- Arquivo da Direção Geral de Saúde: Instituto Maternal - Relatórios Gerais do Instituto Maternal, 1946 a 1968.
- Instituto Nacional de Estatística, 30 Anos de 25 de Abril – Um Retrato Estatístico, 2004, pag. 59.
- Despacho nº 23/86, D. R. II Série nº161 (16/07/1986), pag. 6513.

## 4.5 Enfermagem de Saúde Pública e Políticas de Saúde em Portugal (1900-1950)

Ana Paula Gato<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Enfermeira; Professora adjunta no Instituto Politécnico de Setúbal; CIDEHUS – Universidade de Évora; [anapaulagato@gmail.com](mailto:anapaulagato@gmail.com)

---

Esta comunicação pretende clarificar como se desenvolveu a enfermagem de saúde pública em ligação às políticas públicas de saúde na primeira metade do século XX, atendendo aos diversificados contextos políticos, ideológicos e sociais deste período.

A partir da análise de legislação, relatórios e correspondência da Direção Geral de Saúde e periódicos de enfermagem e de medicina no período 1900-1950, estuda-se a evolução da enfermagem de saúde pública e das políticas de saúde para os cuidados não hospitalares num contexto de afirmação da saúde pública e do crescente investimento legislativo, político e organizacional do Estado na área da saúde.

As políticas de saúde com vista à implementação de uma rede nacional de serviços de saúde não hospitalares em Portugal tiveram origem na legislação de 1901 da autoria de Ricardo Jorge. As convulsões políticas e sociais do início do século XX tornaram esta legislação difícil de implementar, mas a criação e expansão de serviços de saúde de proximidade, nomeadamente de dispensários, conduziram à criação da primeira formação em enfermagem de saúde pública: o curso de visitadoras sanitárias. Com o Estado Novo multiplicaram-se os serviços de saúde de proximidade quer públicos, quer privados e cooperativos, nomeadamente os primeiros centros de saúde, o Instituto Maternal, as Casas dos Pescadores e as Casas do Povo, os dispensários das Misericórdias e de fundações privadas. Aumentou também a necessidade de enfermeiras para estes serviços e surgiram, sob iniciativa e auxílio da Fundação Rockefeller, as primeiras enfermeiras com formação pós graduada na área da saúde pública durante os anos trinta e quarenta do século XX.

As novas conceções sobre o papel do Estado na saúde e o desenvolvimento da saúde pública conduziram a uma política de expansão de serviços de saúde não hospitalares que foram determinantes para o desenvolvimento da enfermagem de saúde pública. Não sendo recente, esta prática de enfermagem constituiu-se como área de conhecimento e intervenção específica a partir da criação dos primeiros cursos de visitadoras sanitárias e enfermeiras visitadoras. Encontramos neste período singularidades como: política de controlo social dos serviços públicos e corporativos de saúde com vista à divulgação ideológica do regime durante o Estado Novo, a luta pelo poder de cuidar entre várias instituições, o subfinanciamento do setor público, o forte controlo do Estado sobre todas as instituições, apesar de várias medidas contraditórias. Foram fatores impeditivos de um maior desenvolvimento da enfermagem de saúde

pública a limitação do acesso a recursos de formação, a condição feminina, as normas institucionais, o escasso número de enfermeiras, as dificuldades de acesso ao poder formal e a inexistência de formação especializada no país. No entanto as enfermeiras lograram alcançar visibilidade e autonomia em muitas das instituições em que trabalharam.

**DESCRITORES:** Saúde Pública, História da Enfermagem, Política de Saúde, Enfermagem de Saúde Pública

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- FARIA, José Alberto - **Administração sanitária**. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa; Direção Geral de Saúde, 1934.
- CARNEIRO, Marinha do Nascimento Fernandes - **Ajudar a Nascer - Parteiras, saberes obstétricos e modelos de formação (século XV-1974)**. Porto: Universidade do Porto Editorial, 2008.
- NUNES, Lucília - **Um olhar sobre o ombro: Enfermagem em Portugal (1881-1998)**. Loures: Lusociência, 2003.
- SAKELLARIDES, C.; ALVES, Manuel Valente, ed. lit. - **Lisboa, saúde e inovação: do renascimento aos dias de hoje**. Lisboa: Gradiva, 2008.
- SOARES, Maria Isabel - **Da blusa de brim à touca branca: Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal (1880-1950)**. Lisboa: Educa; Associação Portuguesa de Enfermeiros, 1993.



## 4.6 O ensino de enfermagem no Porto e em Lisboa (1918 – 1922): Semelhanças e Diferenças

Luís Lisboa Santos<sup>1</sup>; Viriato Mascarenhas Moreira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de S. Francisco das Misericórdias; <sup>2</sup>Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. [lisbon.santos@gmail.com](mailto:lisbon.santos@gmail.com)

**INTRODUÇÃO:** A 14 de Novembro de 1918, três dias após o término da Primeira Guerra Mundial, a mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto aprovou o Regulamento do Curso de Enfermagem do Hospital Geral de Santo António, no Porto. Quatro anos depois, a 25 de Novembro de 1922, foi aprovado o Regulamento da Escola Profissional de Enfermagem dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Pela proximidade dos dois regulamentos, iremos estabelecer analogias e diferenças entre eles, e assim observarmos as bases do ensino de enfermagem no Porto e em Lisboa, no final da primeira década e no princípio da segunda do século XX.

**OBJETIVOS:** Analisar o Regulamento do Curso de Enfermagem do Hospital Geral de Santo António no Porto, de 1918. Analisar o Regulamento da Escola Profissional de Enfermagem dos Hospitais Cívicos de Lisboa de 1922. Estabelecer analogias e diferenças entre os dois regulamentos.

**METODOLOGIA:** Utilizaremos uma metodologia historiográfica, com uma análise de ambos os regulamentos, privilegiando estas duas fontes primárias. Complementaremos esta análise com outras fontes primárias e também algumas secundárias, para um enquadramento teórico do estudo.

**RESULTADOS:** Do curso de enfermagem que se desenvolvia no hospital de Sto. António no Porto, o seu regulamento de 1918 permitiu uma análise de um local de formação em enfermagem e da sua dinâmica regulamentar. O curso desenvolvia-se ao longo de dois anos, com as componentes teórica e práticas incluídas. Era dirigido aos géneros masculino e feminino. Em relação aos requisitos para o ingresso era exigida uma certidão de aprovação no exame de 2º grau num estabelecimento do Estado.

Na Escola Profissional de Enfermeiros dos Hospitais Cívicos de Lisboa, na componente prática estavam previstos estágios em enfermarias de especialidade. Surgiram novos elementos na formação dos enfermeiros - os auxiliares de ensino (médicos e enfermeiros do serviço onde realizavam os seus estágios do curso). A terminologia dos estágios para os estudantes era a de auxiliares do pessoal de enfermagem, de quem dependiam.

**CONCLUSÕES:** Embora o primeiro regulamento seja do curso de enfermagem e o segundo da escola profissional de enfermagem, podemos olhar para alguns aspetos e estabelecer algumas semelhanças e diferenças. Salientamos que enquanto no Porto

apenas surge um curso de dois anos, em Lisboa aparece também um curso complementar de mais um ano. Componentes teóricas e práticas, dirigido aos géneros masculino e feminino e a exigência de aprovação no exame do 2º grau, são algumas das semelhanças em ambos os cursos.

**DESCRITORES:** Educação em Enfermagem; História da enfermagem; Pesquisa em Enfermagem

**FONTES:**

- Santa Casa da Misericórdia do Porto - Hospital Geral de Santo António – Regulamento do Curso de Enfermagem. Porto: Typographia do Instituto de Surdos-mudos, 1918.
- Ministério do Trabalho – Direcção Geral dos Hospitais Civis de Lisboa – Regulamento da Escola Profissional de Enfermagem dos Hospitais Civis de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1922.
- Soares, Maria Isabel - Da blusa de brim à touca branca - Contributo para a história do ensino de enfermagem em Portugal 1880-1950. Lisboa: Educa, Associação Portuguesa de Enfermeiros, 1997.

9 novembro | 11:30 – 13:00h | Sala Paralela

MODERADOR: ISABEL FERRAZ

#### 4.7 O *infirmarius*: origens medievais do enfermeiro

António Carlos do Carmo Carvalho<sup>1</sup>

<sup>1</sup>IPBeja – Escola Superior de Saúde. [antonio.carlos@ipbeja.pt](mailto:antonio.carlos@ipbeja.pt)

**INTRODUÇÃO:** Na historiografia de enfermagem, a explicação etimológica da palavra “nurse” a partir do Latim “nutrix” (“ama”) ignora que, segundo o Oxford English Dictionary, só no século XVII é que “nurse” passou a significar “enfermeira”. Este facto, e a falta de distinção entre cuidados informais (“nurse”=“ama”) e cuidados formais (“nurse”= “enfermeira”), muito comum nas histórias de enfermagem da primeira metade do século XX, originou distorções interpretativas na historiografia de língua inglesa, e seus derivados.

Além disso, a etimologia do termo “enfermeiro” remete-nos para a palavra *infirmarius*, do Latim Medieval: monge formalmente encarregado dos enfermos no mosteiro (Du Cange, 1883-84). Por isso deduzimos que a história da “nurse” é diferente da história do “enfermeiro”.

Assim, num quadro de referência que também considere a divisão do trabalho monástico (*infirmarius=officium monasticum*), há que reexaminar a historiografia da enfermagem europeia.

**OBJECTIVO:** Determinar o aparecimento do *infirmarius*/enfermeiro, e das suas funções como “cuidador formal”, nos espaços monásticos europeus, com especial relevância para o caso português.

**METODOLOGIA:** Análise documental histórica focada nas designações e funções do cuidador formal dos enfermos, no âmbito da divisão do trabalho monástico, entre os séculos VI e XIII, no espaço anteriormente ocupado pelo Império Romano do Ocidente.

**FONTES:** Regras e costumeiros monásticos (séculos VI a XII) do referido espaço, transliterados ou transcritos em obras de referência da historiografia religiosa medieval.

**RESULTADOS:** Das 26 regras monásticas ocidentais do século VI ao X (cf. Holstenii, 1759), 14 não referem o cuidador dos enfermos. As restantes 12 apresentam uma designação indeterminada, com funções igualmente indeterminadas.

Nos seis costumeiros analisados, cinco do século XI e um do XII, o *infirmario* e suas funções constam pela primeira vez nas *Antiquiores Consuetudines Cluniacensis*

*Monasterii*, de Udalrico de Zell, ou no *Ordo Cluniacensis*, de Bernardo de Cluny, ambos de 1070-1080, com precedência a determinar. Foi através do *Ordo* que o *infirmario/infirmarius* chegou a Portugal, documentado a partir de 1170/71 (Mattoso, 2002).

As funções do *infirmario* compreendiam as áreas de administração, higiene e conforto, cuidados psicológicos e espirituais, terapêutica e cuidados mortuários, para além de aspetos “deontológicos”.

A primeira evidência de que o *infirmario* corresponde ao enfermeiro, data de 1268, numa escritura de cedência de bens da Ordem de Avis, cisterciense, a D. João de Portel, em que figura “Johã p[er]ez enfermeiro” (Souto Cabo, 2008, p. 327).

O capítulo CXVII, *Do enfermeiro*, do Livro de Usos da Ordem de Císter (cf. Ordem de Císter. Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, 1444. fl. 92 vs. e sg.) confirma que as funções do enfermeiro cisterciense português são as mesmas do *infirmario*.

**CONCLUSÕES:** A adopção de um quadro conceptual que considera a divisão socioinstitucional do trabalho monástico, e a diferenciação entre cuidados informais e formais, permite evidenciar que o “enfermeiro” tem origem no ofício cenobítico de *infirmario/infirmarius*, a partir do século XI, em Cluny.

A correspondência entre o capítulo CXVI, das *Consuetudines* cistercienses (1157/61) com o CXVII do Livro de Usos da Ordem de Císter (1444) confirma que *infirmarius* = enfermeiro.

**DESCRITORES:** história da enfermagem; história medieval; enfermeiro; infirmarius; monástico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Du Cange, et al. (1883-84). *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*. Niort : L. Favre, 1883-1887. Acessível em: <http://ducange.enc.sorbonne.fr/INFIRMARE#INFIRMARE-3>
- Holstenii, Lucae (1759). *Codex Regularum, Monasticarum et Cannonicarum*. Tomus Primus e Tomus Secundus. Augustae Videlicorum: Ignatii Adami & Francisci Antonii Veith;
- Mattoso, José – *O Monaquismo Ibérico e Cluny*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2002. p. 183
- Ordem de Císter. Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. (1444). *Livro dos Usos da Ordem de Císter* (manuscrito). Alcobaça: s.ed. Acessível em: <http://purl.pt/24125>;
- Souto Cabo, José António (ed.). (2008). *Documentos galego-portugueses dos séculos XII e XIII*. A Coruña: Universidade da Coruña, Area de Filoloxias Galega e Portuguesa

## 4.8 O internato das alunas de enfermagem enquanto locais de formação moral e profissional

Viriato Mascarenhas Moreira<sup>1</sup> Luís Lisboa Santos<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de Lisboa <sup>2</sup>Escola Superior de Enfermagem de S. Francisco das Misericórdias; [viriato.moreira@esel.pt](mailto:viriato.moreira@esel.pt)

---

**INTRODUÇÃO:** O ensino e as escolas de enfermagem permaneceram nas décadas de 40 e 50 da centúria de novecentos sob o controlo do estado, onde as políticas educativas do Estado Novo se assumiram de forma expressiva na construção da identidade da profissão através das suas estratégias ideológicas.

A feminização recomendada na legislação associada a que “os cursos funcionarão, quando possível, em regime de internato”, conduziu as escolas a abrirem lares femininos, com o objectivo de “prestar auxílio material, profissional e moral às alunas de enfermagem inscritas nos cursos técnicos”

**OBJETIVOS:** Analisar de que modos as escolas de enfermagem, enquanto locais de formação, contribuíram através do regime de internato, para o processo de formação moral.

**METODOLOGIA:** Optamos pela análise sócio histórica uma vez que permite uma compreensão ampla sobre a problemática em destaque. Teoricamente recorreremos à História e Sociologia (Bourdiieu, 2013, Pimentel, 2001), à literatura produzida pelos próprios enfermeiros (Amendoeira, 2006; Soares, 1997, Henrique, 2012; Silva, 2008) e à Legislação, permitindo um enquadramento discursivo do Estado em relação à enfermagem.

**RESULTADOS:** Os regulamentos dos lares “regulamentavam” a vida privada das alunas no internato. Alguns dos aspectos observados compreendiam: a Formação moral e religiosa (obrigatoriedade de assistência á missa aos domingos e dias santificados); no Comportamento geral, discriminava-se a forma de abordar as “criadas”; Dos quartos, prevendo que o arranjo e limpeza seriam da responsabilidade das alunas, definindo, ainda as horas de levantar e de deitar, existindo um toque para o efeito. Acrescentando que as alunas de manha antes de saírem do quarto teriam que deixar a cama feita e o pó limpo.

O regime de internato foi crucial na plasticização das personalidades das alunas de enfermagem preparando-as para o mercado de trabalho, definindo a enfermagem pela condição mínima do saber e pela primazia do agir abnegado e servil, submisso às ordens médicas.

**CONCLUSÕES:** Neste período o recrutamento das escolas determina-se em três vertentes: recai preferencialmente e explicitamente na admissão do sexo feminino; no comportamento moral irrepreensível e dando relevância às qualidades físicas que os candidatos precisariam de possuir.

**DESCRITORES:** Educação; Estudantes; História de Enfermagem.

**FONTES:**

- Regulamento da Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia (ETE), 1940. Anexo n.º 1, Volume II. HISTÓRIA DA ESCOLA TÉCNICA DE ENFERMEIRAS (1940-1968) APRENDER PARA ENSINAR E PROFISSIONALIZAR. Ferreira, Óscar Manuel Ramos.
- Estatuto do Lar das alunas-enfermeiras de Coimbra. Aprovado por Despacho Governamental de 3 de Agosto de 1949. II série do Diário do Governo, n.º 209, de 8 de Setembro de 1949. Espólio do autor, oferecido pela Sra. Enfermeira Maria dos Anjos Narciso, 1997.
- Estatuto do Lar das alunas enfermeiras de Santa Maria, aprovado pela Comissão Instaladora em 1 de Setembro de 1956, Professor Doutor Coriolano Ferreira. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Espólio oferecido pela família do Professor Doutor Coriolano Ferreira. Lisboa 2015
- Silva, Ana Isabel. A arte de enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2008.

## 4.9 O Hospital Real de Todos os Santos: administração, espaços e servidores durante a União Ibérica (Segunda déc. do Séc.XVII)

Óscar Ferreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Doutor em História; Investigador UIDE; Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. [oferreira@esel.pt](mailto:oferreira@esel.pt)

---

**INTRODUÇÃO:** Em 1620 Frei Nicolau D`oliveira publicou o Livro das Grandezas de Lisboa. Esta obra tinha como finalidade impressionar Filipe II de Portugal e os espanhóis da importância da cidade de Lisboa a qual, segundo o autor, era bem maior que Sevilha. No quinto tratado dessa obra (fl.118ft – fl.135vs), o monge apresenta o Hospital Real de Todos os Santos (HRTS), descreve a forma como é administrado, identifica os diferentes espaços que o compõem bem como os homens e mulheres que nele serviam.

**OBJETIVOS:** Compreender como era administrado o HRTS nos anos de 1616 e 1617; Identificar os diferentes espaços que compunham o HRTS nos anos de 1616 e 1617; Caracterizar esses espaços; Identificar os servidores do HRTS em 1616/1617; Caracterizar as relações de poder entre algumas desses servidores.

**METODOLOGIA:** Método histórico, tendo como fonte principal a obra de Nicolau D`oliveira (1620).

**FONTES:** D´Oliveira, N. (1620). Livro das grandezas de Lisboa. Lisboa: Impresso por Iorge Rodrigues. 190fls.

**RESULTADOS:** Através da obra de D`oliveira (1620) compreende-se que em 1616/17 o HRTS era administrado pela Misericórdia de Lisboa. Esta instituição era dotada de múltiplos espaços que respondiam tanto às necessidades espirituais como corporais dos que aí habitavam (doentes e servidores). De contínuo serviam esta instituição centena e meia de pessoas, de entre os quais vinte e três enfermeiros, fora os assalariados.

**CONCLUSÕES:** Em 1616/17 o HRTS era gerido por uma administração constituída por oito irmãos da Misericórdia de Lisboa. Entre os diferentes espaços de que era dotado mais de uma dúzia eram destinados a enfermarias, distribuídas por diferentes especialidades e separadas de acordo com o sexo dos enfermos. Entre funcionários religiosos, técnicos e auxiliares geridos pelo provedor da Misericórdia, assessorado por um corpo administrativo, muitos eram os que serviam então no HRTS mostrando a sua enormidade e peso na assistência da população de Lisboa e arredores.

**DESCRITORES:** História dos Hospitais, História da Enfermagem; Hospital

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- Abreu, L. (2009). A Misericórdia de Lisboa, o Hospital Real e os insanos: notas para uma introdução. In: Guedes, N. C. (Coord.). *Museu São João de Deus. Psiquiatria e história* (pp.109-115). Lisboa: Editorial Hospitalidade.
- Ramos, L. A. O. (1993). Do Hospital Real de Todos os Santos à história hospitalar portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras. História*. X: 333-350.
- Santana, F. & Sucena, E. (1994). Dicionário da História de Lisboa. Lisboa: Diversos.
- Sousa, B. V. (2005). Ordens religiosas em Portugal: das origens a Trento: guia histórico. Lisboa: Livros Horizonte.



## 4.10 Los Tribunales y Juicios de la Santa Inquisición de Toledo. El control de la religión y medicina, respecto a los cuidados populares femeninos.

Paulo Pina Queirós<sup>1</sup>; Sagrario Gómez Cantarino<sup>2</sup>; Cátia Filipa Marques Grenha<sup>2</sup>;  
Minerva Velasco Abellan<sup>3</sup>; Paulina Sheila Kowalska<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Profesor Coordinador de Fundamentos de Enfermería. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. (Portugal). <sup>2</sup>Universidad de Castilla la Mancha. (España). Campus Toledo. Escuela de Enfermería y Fisioterapia. Departamento de Enfermería, Fisioterapia y Terapia Ocupacional. <sup>3</sup>Alumna de enfermería en la Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. <sup>4</sup>Enfermera Unidad: Materno- Infantil. Servicio de Salud Castilla la Mancha. (SESCAM). Doctoranda por Universidad de Castilla la Mancha. <sup>5</sup>Alumna de Enfermería en la Universidad de Castilla La Mancha. Campus Toledo. Escuela de Enfermería y Fisioterapia. [pauloqueiros@esenfc.pt](mailto:pauloqueiros@esenfc.pt)

**INTRODUCCIÓN:** Las brujas, curanderas y sanadoras eran personas empíricas, confiaban más en sus sentidos que en la fe. Su magia era la ciencia de la época; poseían multitud de remedios experimentados durante años de uso. Disponían de analgésicos, digestivos y tranquilizantes. Los métodos utilizados por éstas, representaban una amenaza tan grande como los resultados que aquellas obtenían. Su fuerza, plantea una amenaza para la Iglesia, estado y medicina, lo que llevó al descrédito del saber femenino. Sus actuaciones se transmitían de generación en generación, poniendo en peligro el conocimiento científico, masculino, impartido en las universidades.

**OBJETIVOS:** Analizar la religiosidad de la época describiendo manuscritos en contra de brujería y hechicería, así como relacionar la figura de la mujer con saberes empíricos y los poderes mágicos frente a la profesionalización de la medicina, visibilizar las causas de mujeres acusadas por el Tribunal de la Inquisición de Toledo.

**MÉTODO:** Estudio histórico descriptivo, referiremos a todas aquellas informaciones, que aportan un conocimiento directo o indirecto.

**FUENTES:** Biblioteca de la Universidad de Castilla-La Mancha, Catálogo de la Biblioteca on-line (Opac), se seleccionaron 6 libros y 15 artículos. Búsqueda presencial en archivos y bibliotecas de Toledo, un total de 9 libros y 12 artículos. Bases de datos (SciELO, Dialnet, Scopus y Medline) y buscador de internet Google académico, vario material.

**RESULTADO:** La Iglesia lanzó los argumentos de los teólogos, una serie de manuales de inquisidores, y una serie de bulas papales (cartas escritas de juicio y de comandos), para contradecir esa idea cristiana tradicional, e identificar a la brujería como una herejía peligrosa. En última instancia, en 1484, el Papa Inocencio VIII, en su bula pontificia Summis Desiderantes Affectibus, instaba a la policía inquisidora a combatir un supuesto culto satánico que se estaba generalizando. El cuerpo médico pasó a trabajar conjuntamente con la Inquisición, siendo este experto en procesos judiciales contra las brujas. La Inquisición influyó de forma decisiva en la ciudad de Toledo, donde se juzgó de manera importante a la figura de la mujer.

**CONCLUSIONES:** Se observa que la Inquisición de Toledo, en siglo XVI a XVIII, persiguió de manera más acuciada a la figura de la mujer ya fuera, curandera, bruja, hechicera o

partera, que al hombre, 282 procesos de hechicería en mujeres contra 94 en hombres. Desde finales del siglo XVI y mediados del XVII se producirá un desarrollo extraordinario de procesos por el delito de hechicería, tanto en España como en Europa. Por lo que vemos una distinción cultural, ya que los acusados que practican la astrología gozaran de un nivel cultural alto, a diferencia de las hechiceras que, por lo general, son iletradas. La implantación de la medicina como profesión, para cuyo ejercicio se exigía una formación universitaria, facilitó la eliminación de las mujeres sanadoras y por ende, la exclusión legal de las mujeres de su práctica. Los hombres ganan ventaja sobre las mujeres, en relación a la medicina y esta se puede considerar victima pero también beneficiadora del sistema inquisitorial.

**DESCRIPTORES:** Mujer, herejía, medicina, brujas, inquisición.

**REFERENCIAS:**

- Ehrenreich B, English D. Brujas, Comadronas y Enfermeras, historia de las sanadoras. Barcelona, España: La Sal; 1984.
- Beteta Y. Súcubos, hechiceras y monstruos femeninos. Estrategias de desautorización femenina en la ficción bajomedieval. Madrid, España: Almudayna; 2011.
- Marsá González V. ¿Comadronas o brujas? ¿Doctas o enfermas? Dossiers feministas. 2009; 13: 89-102.
- Duarte Rust L. Bulas Inquisitoriais: "Ad Extirpanda" (1252). Revista Diálogos Mediterráneos. 2014; 7: 200-28.
- Sarrión Mora A. Médicos e Inquisición en el s. XVII. Cuenca, España: Universidad de Castilla-La Mancha; 2006.

## 4.11 Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: um estudo histórico no período de 1935 a 1974

Deybson Borba de Almeida<sup>1</sup>; Paulo Joaquim Pina Queirós<sup>2</sup>; Gilberto Tadeu Reis da Silva<sup>3</sup>; Aline Di Carla Laitano<sup>4</sup>; Sirléia de Sousa Almeida<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). <sup>2</sup>Professor da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. <sup>3</sup>Professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). <sup>4</sup>Enfermeira da Prefeitura Municipal de Salvador, Bahia. Brasil. <sup>5</sup>Enfermeira da Prefeitura Municipal de Salvador, Bahia. Brasil. [deybsonborba@yahoo.com.br](mailto:deybsonborba@yahoo.com.br)

---

Investigação histórica com abordagem qualitativa, tendo como discussão central os estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa. Com o objetivo de identificar os estereótipos sexistas da enfermagem portuguesa entre o período de 1935 a 1974. Como banco de dados para este estudo foi utilizado os diários os diários das sessões da Assembléia Nacional e da Câmara Corporativa de Portugal, disponíveis on-line. Os achados encontrados configuraram as seguintes categorias de análise: influência das forças armadas na profissão e a enfermagem militar, gênero como uma formação social e enfermagem como campo de trabalho feminino, exploração do trabalho em enfermagem, gênero como uma formação social e enfermagem como saber auxiliar, enfermagem como sacerdócio. Afirmamos, a necessidade de compreensão da enfermagem como trabalho, marcada por contextos históricos e culturais, a fim de pensarmos em caminhos para a valorização e o reconhecimento social do trabalho da enfermeira.

**DESCRITORES:** História da Enfermagem, Feminismo, identidade de gênero, Política e Liderança.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS::

- ROSA, F. Salazar e o Poder: a arte de saber durar. Lisboa: Tinta da China, 2012.
- SOUSA, P. A. F. O sistema de saúde em Portugal: realizações e desafios. Acta paul. enferm., São Paulo, v. 22, n. esp, p. 884-894, 2009.
- FERREIRA, Ó. R. Enfermagem Religiosa no Portugal do Século XX (1901-1950): Detratores e Apologistas, dois extremos em confronto. Pensar Enfermagem, Portugal, v. 18, n. 1, 2014.

**9 novembro | 16:30 – 18:00h | Anfiteatro**  
**MODERADOR: ALEXANDRA PINTO DOS SANTOS**

**4.12 La figura del Ayudante Técnico Sanitario (1953-1977): contribución de la medicina al desarrollo de la profesión enfermera en España**

Olga Rodrigo Pedrosa<sup>1</sup>; Jordi Caïs<sup>2</sup>; Cristina Monforte Royo<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Campus Docent Sant Joan de Déu; <sup>2</sup>Fontanella Universitat de Barcelona; <sup>3</sup>Universitat Internacional de Catalunya [ORodrigo@santjoandedeu.edu.es](mailto:ORodrigo@santjoandedeu.edu.es)

**INTRODUCCIÓN:** A principios de la década de los 50, se produjo una expansión del sistema hospitalario español con un aumento en su tecnificación y una mayor necesidad de médicos y enfermeras. Como resultado de esto, en 1953, se unificaron los estudios de Enfermera, Practicante y Matrona en el Ayudante Técnico Sanitario (ATS). Este plan de estudios representó al colectivo enfermero en España entre los años 1953 y 1977 y es el que precede al de su entrada en la universidad como disciplina científica.

**OBJETIVO:** El objetivo de este estudio fue analizar las características del ATS a partir del discurso del colectivo. Esto puede servir de referencia para identificar que elementos sociohistóricos han contribuido en la construcción de la identidad enfermera en el contexto español actual.

**METODOLOGÍA:** La metodología fue cualitativa y como estrategia metodológica se utilizó la inducción analítica. Se llevó a cabo un muestreo teórico que implicó la selección intencional de ATS poniendo especial énfasis en la selección de casos negativos. Como técnica de recogida de datos se utilizó la entrevista en profundidad. Para el análisis de los mismos se utilizó la estrategia analítica propia de la teoría fundamentada utilizando como soporte operativo el programa ATLAS. Ti versión 7.1. Se establecieron estrategias específicas para asegurar la credibilidad, transferibilidad, seguridad y dependencia. El proyecto fue aprobado por una comisión de ética asistencial y se pasó consentimiento informado a los participantes.

**RESULTADOS:** La muestra final estuvo constituida por siete ATS, seis mujeres y un hombre, pertenecientes a diferentes regiones de España. A partir del análisis del discurso se han identificado como principales características de ese colectivo: época de una enfermería técnica subordinada a la medicina y con un rol profesional ejercido en los hospitales (dimensión 1), desaparición de las monjas cuidadoras de los hospitales por un aumento en las exigencias formativas (dimensión 2), cuidados de enfermería ausentes en su plan de estudios y aplicados de forma informal en el ámbito asistencial (dimensión 3), endoculturización segregada por sexos donde los hombres se forman en las Facultades de Medicina y las mujeres en escuelas vinculadas a los hospitales

(dimensión 4) y una integración en la universidad como parte del proceso de transición política hacia la Democracia (dimensión 5).

**CONCLUSIONES:** Durante la etapa del ATS, la medicina ha tenido un papel relevante en el desarrollo de la profesión enfermera en España. La necesidad de un auxiliar con competencia técnica ha sido determinante para que el colectivo médico hiciese un importante traspaso de conocimiento científico a la enfermería. Esto es algo que no sucede en el contexto anglosajón, donde el rol de la enfermería, desde los inicios de la profesionalización, está centrado en el cuidado y en su desarrollo científico rechazando explícitamente la formación en contenidos médicos orientada a la asistencia técnica.

**DESCRIPTORES:** Ayudante Técnico Sanitario, Enfermería, Historia, Profesión, Medicina

**REFERENCIAS:**

- Bullough, B. (1981). Educational Problems in a Woman's Profession. *Journal of Nursing Education*, 20(7), 6-17
- Dominguez Alcón, C. (1986). *Los cuidados y la profesión enfermera en España*. Madrid: Pirámide.
- Santo, M. (2000). Historia de la Enfermería. In *Enfermería Fundamental* (pp. 3-129). Barcelona: Masson.
- Sellán Soto, M.C. (2010). *La profesión va por dentro: elementos para una historia de la enfermería española contemporánea*. Madrid: FUDEN.
- Stead, E., & Estes, E.H. (2012). *Journal of the American Academy of Physician Assistants*, 25(december), 36-41

### 4.13 A antecipação das questões éticas por Filosofia da Educação: a leitura dum programa de enfermagem

Maria Teresa Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Évora/Departamento de Filosofia. RG- PPS /GFE/Instituto de Filosofia UPorto [msantos@uevora.pt](mailto:msantos@uevora.pt)

---

A disciplina de Filosofia da Educação foi introduzida, em Portugal, nas faculdades de letras nos cursos de formação de professores vocacionados para o ensino secundário, na década de 70. Todavia a Escola de Ensino e Administração de Enfermagem, criada pela Portaria n.º 22539 que concretizava a previsão registada no artigo 5.º do Decreto n.º 46448, introduziu-a no plano curricular do curso preparatório de enfermeiros/as para cargos de chefia de serviços e de ensino de enfermagem. Qual a função desta disciplina? Num artigo da autoria de Maria Aurora de Sousa Bessa e Marta Lima Basto apresenta-se a seguinte justificação: “A procura das traves mestras para suportar uma filosofia da Educação em Enfermagem ajudará os enfermeiros a conseguir uma atitude intelectual que constitui pelo menos um antídoto a estes dogmas, modas, tradições, embora não consiga só por si eliminá-las” (1979:414). Filosofia da Educação assume a função geral de vigilante e crítica do pensar e do agir humano, mas importa conhecer quais os tópicos do programa pelos quais essa função de expressa. É exactamente neste nível de análise contedutística que se configura uma linha interpretativa: Filosofia da Educação antecipa questões da ética e da bioética, incluídos nos actuais currículos. Dar conta desta interpretação, segundo uma metodologia heurística, é o objectivo desta comunicação que conclui a favor da presença da Filosofia nos cursos de enfermagem, seja qual for o ciclo de formação e a especialização.

**DESCRITORES:** Enfermagem, Filosofia da Educação, Ensino da Enfermagem; Ética Profissional.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BESSA Maria Aurora de Sousa e BASTO, Marta Lima. «Filosofia da Educação em enfermagem. Algumas reflexões», *Acta Médica Portuguesa*, n.º 1, 1979, 411-414.
- CORTINA, Adela, ARROYO, Pilar. *Ética y legislación en enfermeira*. Aravaca: McGraw-Hill/Interamericana de España, 1996.
- CORTINA, Adela, *Ética mínima: Introducción a la filosofía práctica*, Madrid: Tecnos, 1986.
- FREITAS, Marília Pais Viterbo. *Vidas de Enfermeiras*, Loures: Lusociência 2012.
- POKLADEK, Danuta. *A fenomenologia do cuidar: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional, e organizacional*. São Paulo: Vetor, 2004.

## 4.14 A moral profissional da enfermeira em 1937 na perspetiva de Isabel D' Orey

Luís Lisboa Santos<sup>1</sup>; Viriato Mascarenhas Moreira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de S. Francisco das Misericórdias; <sup>2</sup>Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. [lisbon.santos@gmail.com](mailto:lisbon.santos@gmail.com)

**INTRODUÇÃO:** Em 1937 surgiu um manual sobre a moral profissional da enfermeira, da autoria da Presidente do Sindicato Nacional Feminino das Enfermeiras do Distrito de Lisboa, Isabel D'Orey. Num ano em que surgiu a 'Filosofia Moral e Política do Estado Novo', de Artur Oliveira e concretizou-se a Mocidade Portuguesa Feminina, uma referência que descrevia os fundamentos essenciais para a enfermeira exercer a sua atividade, baseada numa moral profissional, que reflete a conceção da enfermagem neste final da década de trinta do século XX.

**OBJETIVOS:** Descrever o modelo da moral profissional da enfermeira proposto por Isabel D'Orey; Analisar um documento da História da Enfermagem da primeira metade do século XX.

**METODOLOGIA:** Estudo histórico-documental, com uma metodologia historiográfica, onde iremos analisar o modelo de educação moral profissional proposto por Isabel D'Orey, através de uma leitura crítica na procura de pertinências em relação aos conteúdos, procurando as ideias essenciais para a sua interpretação.

**RESULTADOS:** Depois de uma introdução onde são abordados os conceitos de moral e de moral profissional, umas palavras sobre a vocação da enfermeira, para a passagem para as qualidades da boa enfermeira. Não esquecendo as qualidades físicas e intelectuais, as mais desenvolvidas são as morais, referindo a bondade, a coragem, o entusiasmo e a alegria, a paciência, a obediência, o espírito de disciplina, a lealdade, o silêncio e a discrição e a dignidade. Outro grande capítulo era dedicado às responsabilidades e deveres da enfermeira, onde destacamos os relacionados com os doentes, desde a sua receção, até à agonia e morte. Capítulos especiais para os deveres e responsabilidades perante os médicos, a enfermeira no domicílio, onde é abordado o segredo profissional.

**CONCLUSÕES:** Conclui-se que o modelo de moral profissional proposto pelo manual analisado reflete a conceção da enfermeira neste período histórico, baseado no seu desenvolvimento, num período em que já existindo formação em enfermagem em Portugal, era baseada num modelo marcadamente biomédico.

**DESCRITORES:** História da Enfermagem; Ética em Enfermagem; Manuais.

**FONTES:**

- D'Orey, Isabel - Moral profissional da enfermeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa - Editora, 1937.
- -Maltez, José Adelino – Tradição e Revolução – Uma biografia do Portugal político do século XIX ao XXI. Volume II (1910-2005). Lisboa: Tribuna, 2005.



## 4.15 As funções dos enfermeiros em hospitais de pequenas dimensões na década de 30 do século XX

Viriato Mascarenhas Moreira<sup>1</sup> Luís Lisboa Santos<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de Lisboa <sup>2</sup>Escola Superior de Enfermagem de S. Francisco das Misericórdias; [viriato.moreira@esel.pt](mailto:viriato.moreira@esel.pt)

---

**INTRODUÇÃO:** Existiam ao longo do país instituições hospitalares de pequenas dimensões, a maior parte pertencentes às Misericórdias locais. Salientamos as funções dos enfermeiros nos hospitais de Vila Nova de Cerveira (1931), Paços de Ferreira (1931), Anadia (1933), Elvas (1935) e Matosinhos (1939).

**OBJETIVOS:** Analisar os regulamentos dos referidos hospitais. Estabelecer algumas semelhanças e diferenças.

**METODOLOGIA:** Uma metodologia histórica, com uma análise de todos os regulamentos enunciados, tentando encontrar aspetos comuns e diferenças. Fontes secundárias ajudarão a uma melhor interpretação e a um melhor enquadramento.

**RESULTADOS:** No hospital de Vila Nova da Cerveira (1931) existiam enfermeiros e enfermeiras, além dos ajudantes, que residiam no hospital. O enfermeiro cuidava os doentes com várias atividades, que na sua globalidade eram prescritas pelo médico.

No hospital Paços de Ferreira (1931) os doentes continuam a permanecer nas enfermarias organizados pelo género, o mesmo correspondendo a quem praticava os cuidados. A higiene quer dos doentes ou do hospital, continuava sobrevalorizada, como parte integrante das funções dos enfermeiros.

Dois anos depois (1933) no hospital de Anadia, uma Ordem Religiosa na prática das atividades de enfermagem, era também responsável pelo conjunto de funções da dinâmica hospitalar.

No hospital de Elvas (1935) uma organização hierárquica da enfermagem com enfermeiro-mor e enfermeiro ou enfermeira. O enfermeiro-mor deveria possuir o curso de enfermagem, continuando a residir no hospital, com funções de organização e orientação da funcionalidade hospitalar, com exceção das enfermarias com doentes do género feminino. Na organização, orientação e prestação dos cuidados de enfermagem nas enfermarias do género feminino estava uma enfermeira para a qual não era exigível o curso de enfermagem, era apenas fator de preferência.

Caminhamos para o final desta década, no hospital de Matosinhos (1939) a prática dos cuidados de enfermagem era realizada pela Ordem das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas. Existia um fiscal, com funções de gestão do hospital, uma enfermeira-

chefe que além de funções específicas, podia exercer outras por delegação do fiscal. Existiam enfermeiros, enfermeiras e ajudantes.

**CONCLUSÕES:** Com ou sem formação todos estes pequenos hospitais dispunham de enfermeiros e enfermeiras para a prestação dos cuidados aos doentes. A terminologia utilizada era diferente em alguns deles, no entanto existia uma organização hierárquica definida para a diversa tipologia de funções.

**DESCRITORES:** Enfermeiros; Organização & Administração; Normas; Hospitais

**FONTES:**

- Hospital de Vila Nova de Cerveira - Regulamento provisório do Hospital de Vila Nova de Cerveira. Viana do Castelo: A. Aurora do Lima, 1931.
- Santa Casa da Misericórdia de Paços de Ferreira - Regulamento interno da Santa Casa da Misericórdia de Paços de Ferreira. Porto: Casa Nun'Álvares, 1931.
- Santa Casa da Misericórdia do Bom Jesus de Matozinhos - Regulamento do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Bom Jesus de Matozinhos. Matozinhos: Marques Ribeiro, 1939.
- Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Anadia - Modificação do Compromisso. Anadia: A. Magalhães, 1933.
- Santa Casa da Misericórdia de Elvas - Regulamento interno do Hospital, Secretaria e Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Elvas. Elvas: Progresso, 1935.

## 4.16 La escuela de enfermeras de la Cruz Roja tarraconense (1918-1981): pionera en la enseñanza formal de la profesión en Tarragona

Josep Barceló Prats<sup>1,2</sup>; Virtudes Roderó Sánchez<sup>2</sup>; Carme Vives Relats<sup>2</sup>; María Antònia Martorell Poveda<sup>2</sup>;  
María Jiménez Herrera<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Ph.D en Antropología Social y Cultural. <sup>2</sup>Departamento de Enfermería. Universidad Rovira i Virgili de Tarragona; Personal Docente e Investigador con contrato de acceso al Sistema Español de Ciencia, Tecnología e Innovación (SECTI) [josep.barcelo@urv.cat](mailto:josep.barcelo@urv.cat)

**INTRODUCCIÓN:** En 1910 el Flexner Report (Flexner, 1972) provocó transformaciones sin precedentes en la organización, gestión y administración de los hospitales, por aquel entonces, hospitales norteamericanos. Estos cambios incidieron, definitivamente, en la transición desde el viejo hospital pre-flexneriano o «doméstico» (Rosenberg, 1987) al nuevo modelo jerarquizado; que, en Europa, se empezó a desarrollar tras la implantación masiva de los seguros sociales públicos en la mayoría de territorios europeos (Arrizabalaga et al., 1998). Este hecho, combinado con el estallido de la Primera Guerra Mundial (1914-1918), dio como resultado unas cuotas de visibilidad y reconocimiento a las enfermeras y a su labor nunca vistas hasta ese momento. A nivel español, dicha realidad tuvo su reflejo con la publicación, en la Gaceta de Madrid y a petición de la «Congregación de Siervas de María Ministras de los Enfermos», de la Real Orden de 21 de mayo de 1915 que establecía, por primera vez, los requisitos para obtener el título y ejercer la profesión de enfermera en España (González Iglesias et al., 2010). Tal hito fue fundamental para la creación de las primeras escuelas seculares, entre las cuales cabe destacar la de Santa Madrona en Barcelona (1917) y la Escuela Central de la Cruz Roja Española en Madrid (1918). En el ámbito local de Tarragona (provincia española ubicada en la región de Cataluña) estos cambios también fraguaron en la creación de una escuela de enfermeras de la Cruz Roja, mucho más pequeña y menos conocida que las de Madrid o Barcelona, que empezó a funcionar el 14 de enero de 1918.

**OBJETIVO:** Dar a conocer, a través de diferentes documentos archivísticos, periodísticos e incluso cinematográficos, la historia de la Escuela de Damas Enfermeras de la Cruz Roja de Tarragona, poniendo de relieve su labor pionera de formación durante la primera mitad del siglo XX.

**FUENTES Y METODOLOGÍA:** Documentos del Archivo Histórico del Hospital de San Pablo y Santa Tecla, hemeroteca histórica del Diario de Tarragona y documento cinematográfico de 1922, rodado en Tarragona a beneficio de la sección local de la Cruz Roja, cuyo título es «Heroísmos». Triangulación de datos con fuentes secundarias de ámbito local. Estudio de caso basado en una etnografía local que se articula con procesos históricos de más gran calado.

**RESULTADOS:** La historia de la Escuela de Enfermeras de la Cruz Roja de Tarragona es poco conocida por el hecho de no existir ningún estudio que profundice en esta temática a nivel local. Dicha escuela, además de ser pionera en la formación de enfermeras en Tarragona, fue crucial para el desarrollo de la profesión hasta su reconocimiento como título universitario en 1977.

**CONCLUSIÓN:** Los cambios en la educación de la profesión de enfermería siempre estuvieron ligados a las necesidades de una sociedad en constante transformación, como fue la de la primera mitad del siglo XX; y que, paulatinamente, fue demandando la formación de enfermeras mejor preparadas y más cualificadas con el fin de asumir los retos asistenciales de aquella época.

**DESCRIPTORES:** Historia de la Enfermería; Enfermería contemporánea; Formación de enfermería; Escuela de la Cruz Roja de Tarragona.

**REFERENCIAS:**

- ARRIZABALAGA, Jon; MARTÍNEZ, Álvaro; PARDO, José. *La salut en la història d'Europa*, Barcelona, Residència d'Investigadors CSIC – Generalitat de Catalunya, 1998.
- FLEXNER, Abraham. *Medical Education in the United States and Canada*, New York, The Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching, 1972 [1910].
- GONZÁLEZ IGLESIAS, María E.; AMEZCUA, Manuel; SILES GONZÁLEZ, José. *El título de enfermera en España a través del análisis documental: el caso de las Siervas de María, Ministras de los Enfermos*. *Temperamentvm* 2010, 12. Disponible en: <http://www.index-f.com/temperamentum/tn12/t1210.php>
- ROSENBERG, Charles E. *The care of strangers: the rise of America's hospital system*, New York, Basic Books, 1987.

## 4.17 Pioneras en la autonomía profesional y disciplinar en la Enfermería en Catalunya, España

Anna Ramió<sup>1</sup>; Carmen Torres<sup>2</sup>; Amelia Guilera<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Campus Docent Sant Joan de Déu; <sup>2</sup>Fontanella Universitat de Barcelona; <sup>3</sup>Universitat Internacional de Catalunya [aramio@santioandedeu.edu.es](mailto:aramio@santioandedeu.edu.es)

---

**INTRODUCCIÓN:** El progreso de la Enfermería en Catalunya, España, en las décadas centrales del siglo XX, lleva la impronta del esfuerzo de enfermeras que trabajaron de forma ardua y discreta, son activos que mayoritariamente permanecen invisibles para el colectivo profesional.

**OBJETIVO:** Dar a conocer la contribución de enfermeras catalanas a la consolidación de la Enfermería como profesión autónoma.

**MÉTODO:** La metodología empleada en este estudio cualitativo es el modelo de relato biográfico que narra la experiencia vivida por unas enfermeras que destacaron en el periodo estudiado y que en la actualidad están jubiladas o han fallecido. La muestra teórica esta compuesta por 10 participantes. Se reclutan por la técnica de bola de nieve, a través de publicaciones, conocidos y diferentes entidades. Las técnicas de recogida de datos son las entrevistas biográficas y las fuentes documentales. Se realiza un análisis de contenido. Se aplican los criterios éticos y de rigor.

**FUENTES:** Orales directas a través de las propias protagonistas e indirectas de las enfermeras ya desaparecidas: colegas y testimonios vivos que compartieron responsabilidad con ellas. Se complementa con fuentes documentales.

**RESULTADOS:** en nuestro país la Enfermería como disciplina tiene una trayectoria de solo 38 años integrada en la universidad. Anteriormente unas enfermeras que denominamos pioneras, nacidas en las décadas de los años 20 y 30 del siglo XX y formadas en los 50, desarrollaron su trabajo en un contexto donde no había igualdad de género. Ellas eran y son mujeres y líderes enfermeras que a través de sus competencias adquiridas en Escuelas de prestigio y estancias formativas en países anglosajones, forjaron una fuerte y clara identidad profesional, con la que fueron conquistando espacios en el ámbito de la salud, salvando muchas dificultades. Vivieron y trabajaron en un contexto donde el modelo biomédico imperaba, con unos profesionales médicos que tenían poder, reconocimiento, social y científico, y mayoritariamente estaban constituidos por hombres. En los relatos biográficos estudiados se identifica el modelo enfermero subyacente, la posición de género, las aportaciones específicas y los puntos de convergencia de los perfiles estudiados.

**CONCLUSIONES:** Las trayectorias de estas enfermeras muestran unos trazos comunes: tuvieron una sólida formación; la mayoría mantuvieron una dedicación casi exclusiva a

su profesión y unas actitudes marcadamente humanitarias y de voluntariado. Sus aportaciones son significativas porque incidieron en la construcción de la autonomía profesional y disciplinar enfermera en un contexto laboral de escasa participación /colaboración interdisciplinar y en que prioritariamente la atención era dada por personal religioso. Su influencia se dio en todos los campos profesionales: gestión, asistencial, docencia e investigación. Ellas iniciaron acciones innovadoras que hicieron aumentar el nivel de calidad y prestigio de los cuidados. Las experiencias que se muestran son un modelo identitario/de identificación que estimula a otros miembros de la profesión a trabajar, investigar, hacer docencia para mejorar la calidad de la aportación enfermera a la sociedad.

**DESCRIPTORES:** Historia de la Enfermería; Formación de enfermería.

**FUENTES:**

- Aceves Lozano, J (coord) (2000). *Historia oral : ensayos y aportes de investigación : seminario de historia oral y enfoque biográfico* . México : Ciesas.
- Amezcua, M. Hueso, C. (2004). Como elaborar un relato biográfico. *Arch. Memória*, 2004; Disponible en :<http://www.indexf.com/memoria/metodología.php>.
- Cabrera, L.A. (2005). *Mujer, Trabajo y sociedad (1839-1983)*. Madrid: Fundació BBVA.
- Valls, R. (2007). *Història de la professió d'infermeria*. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Domínguez-Alcón, C. (1981). *La infermeria a Catalunya*. Barcelona: Rol.

**10 novembro | 11:00 – 12:30h | Anfiteatro**  
**MODERADOR: LUÍS LISBOA SANTOS**

**4.18 Damas auxiliares de sanidad militar**

Carmen Collado Rodrigo<sup>1</sup>; Vinyet Beas Bielsa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Hospital Universitari Bellvitge - Barcelona. <sup>2</sup> Hospital del Mar - Barcelona . nex07784@yahoo.es

---

**INTRODUCCIÓN:** Inicio, creación y actuaciones del Servicio de Damas Auxiliares de Sanidad Militar.

**OBJETIVOS:** Actuaciones del Servicio de Damas Auxiliares de Sanidad Militar (Período 1937-1970) .

Actuaciones del Servicio de Damas Auxiliares de Sanidad Militar durante la primera mitad del siglo XX en conflictos bélicos y actividades humanitarias. Actividades en Centros y Hospitales Militares.

**DESARROLLO:** Actuaciones en conflictos bélicos:Guerra Civil española, y, Segunda Guerra Mundial. Actuaciones de Apoyo Humanitario en el Ejército Español (Servicio Oficial de Transfusión de Sangre, y, Servicio de Transfusión de Sangre del Ejército) . Actuaciones humanitarias nacionales: Participación activa en la captación de fondos para las acciones humanitarias de la Cruz Roja. Actividades de Enfermería en Centros y Hospitales Militares.

**CONCLUSIONES:** El Servicio de Damas Auxiliares de Sanidad Militar (1ª y 2ª clase, Enfermeras y Auxiliares respectivamente) realizó actuaciones en dos conflictos bélicos. Actuaciones de apoyo humanitario en el Ejército Español. . Actuaciones humanitarias nacionales, y, Actividades de Enfermería en Centros y Hospitales Militares.

**DESCRIPTORES:** Damas Auxiliares de Sanidad Militar. Sanidad Militar.

## 4.19 Parteiras ou Enfermeiras? A profissionalização do cuidado obstétrico e materno-infantil em Portugal no decorrer do século XX

Tânia Maria de Almeida Silva<sup>1</sup>, Luiz Otávio Ferreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. [taniaalmeida5@hotmail.com](mailto:taniaalmeida5@hotmail.com)

**INTRODUÇÃO:** No campo das investigações sobre o cuidado ao parto e nascimento, a historiografia especializada tem demonstrado a tendência, na maior parte dos países europeus, em profissionalizar o grupo das parteiras independente das enfermeiras, mantendo uma identidade profissional baseada em formação diferenciada e estatutos próprios. A trajetória da profissionalização do cuidado obstétrico em Portugal assumiu uma situação destacada, uma vez que a investigação histórica e historiográfica evidenciou a criação da carreira de obstetrícia para enfermeiras e a extinção da formação da parteira profissional.

**OBJETIVOS:** Contribuir para o debate historiográfico acerca da profissionalização do cuidado materno-infantil em Portugal, analisando o processo de transição da profissionalização e *desprofissionalização* das parteiras e a constituição da enfermagem obstétrica.

**METODOLOGIA:** metodologia de análise histórica em perspectiva comparativa, baseado no conceito de ciência-mundo de Polanco (1989), a partir de pesquisas documentais em fontes primárias e apoio de bibliografia secundária.

**RESULTADOS:** Em Portugal, durante a primeira metade do século XX, as atribuições relacionadas ao trabalho das parteiras foram compreendidas como uma função de enfermagem. A partir de investimentos crescentes em torno da especialização e profissionalização do cuidado a mulheres e crianças, incentivos governamentais propiciaram a criação de cursos de enfermagem especializados nas Escolas de Enfermagem portuguesas, voltados para a assistência materno-infantil e obstétrica. A formação e consolidação de novos grupos profissionais ocuparia gradativamente o espaço social da “antiga” parteira formada pelas Faculdades de Medicina, incorporando algumas das suas funções sociais e atributos profissionais.

**CONCLUSÕES:** As análises históricas sobre o processo de profissionalização das parteiras e enfermeiras obstétricas em Portugal evidenciaram uma estratégia de dominação da classe médica, baseada no princípio da desigualdade de gênero. Ao mesmo tempo, havia o interesse governamental pelo controle sanitário de mulheres e crianças, num contexto internacionalizado do desenvolvimento de novas políticas de saúde. No caso que investigamos, observamos que o declínio da enfermeira parteira no cenário do nascimento “coincidiu” com o aumento dos nascimentos fora do domicílio e a



ampliação da participação do médico especialista nesse cenário, na segunda metade do século XX.

**DESCRITORES:** Enfermagem; Mulheres; Obstetrícia; História; Portugal.

**FONTES BIBLIOGRÁFICAS:**

- CARNEIRO, Marinha Fernandes. **Ajudar a Nascer: Parteiras, saberes obstétricos e modelos de formação (séculos XV–XX)**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto; Porto.
- NUNES, Lucília. **Um olhar sobre o ombro: enfermagem em Portugal (1881-1998)**. Lisboa:Lusodidacta, 2003
- POLANCO, Xavier. Une Science-Monde: la mondialization de la Science Européenne et la Création de Traditions Scientifiques Locales. In: POLANCO, Xavier (dir.). **Naissance et développement de la science-monde**. Paris: Ed. La Découverte/UNESCO, 1989, p.10-53.
- SILVA, Luísa Ferreira da; ALVES, Fátima e MATEUS, Pedro (col.) **A Saúde das Mulheres em Portugal**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.
- SILVA, Tânia Maria de Almeida. **Curiosas, obstetrizes, enfermeiras obstétricas: a presença de parteiras na saúde pública brasileira (1930-1972)**. 2010. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro.

## 4.20 Cuidados aos psychopathas: representações da enfermagem no primeiro manual de enfermagem psiquiátrica brasileiro

Paulo Fernando de Souza Campos<sup>1</sup>, Cláudia Polubriaginof<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Santo Amaro – UNISA. [pfsouzacampos@hotmail.com](mailto:pfsouzacampos@hotmail.com)

**INTRODUÇÃO:** O presente trabalho aborda as práticas de Enfermagem Psiquiátrica na gestão de Antônio Carlos Pacheco e Silva junto ao Hospital do Psiquiátrico do Juquery (1923-1937). Para tanto, o estudo propõe o seguinte questionamento: de que maneira as propostas de Pacheco e Silva orientavam a assistência de enfermagem e quais as representações dos enfermeiros expressas no manual considerado pelo autor como o primeiro a ser publicado no Brasil?

**OBJETIVOS:** Analisar as práticas de enfermagem e as representações dos enfermeiros consideradas e expressas por Pacheco e Silva no Manual *Cuidados aos Psychopathas* do Hospital do Juquery, São Paulo, Brasil.

**METODOLOGIA:** Pautado História Social da Enfermagem o presente estudo utilizou-se do método documental a partir da consulta do Acervo pessoal do ilustre médico brasileiro depositado no Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

**FONTE:** Para o desenvolvimento da metodologia proposta o estudo analisou o manual *Cuidados aos Psychopathas* publicado na *Officinas Graphicas* do Hospital do Juquery em 1930 por Antônio Carlos Pacheco e Silva.

**RESULTADOS:** Ao analisarmos a fonte histórica consideramos que as práticas cotidianas no campo da saúde mental estavam pautadas no saber/poder médico e voltadas para a subordinação dos enfermeiros, algo garantido pelo *status* profissional da Medicina em detrimento do saber/poder da Enfermagem, seja porque o médico detinha importante capital simbólico, amplamente reconhecido pela sociedade à época, ou por que o mesmo não era observado em relação à Enfermagem Psiquiátrica, cuja assistência, fundada na representação da robustez e força física de seus executores, ampliava a precariedade da formação profissional em face ao padrão de ensino adotado como ideal no contexto histórico em que o estudo se insere.

**CONCLUSÃO:** Os resultados permitiram concluir que a obra de Pacheco e Silva serviu como guia para a prática psiquiátrica desenvolvida no Hospital do Juquery no período de sua gestão e que, mesmo considerando a Enfermagem como imprescindível para o tratamento e a cura da loucura, a representação da enfermagem esteve marcada pelo gênero masculino, uso da força e à revelia da individualidade do doente mental e da identidade profissional do enfermeiro.

**DESCRITORES:** História da Enfermagem; História da Medicina; Hospital Psiquiátrico.

**FONTES BIBLIOGRÁFICAS:**

- COSTA, J. F. *A História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- CUNHA, M. C. P. *O Espelho do Mundo – Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FOUCAULT, M. A Casa dos Loucos. In: \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramalheite. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.p.113-129.
- MOTA, A.; MARINHO, M. G. S. M. C. (Orgs.) *História da Psiquiatria: ciência, práticas e tecnologias de uma especialidade médica*. São Paulo: FMUSP; UFABC;DC,G Casa de Soluções e Editora, 2012.
- SOUZA CAMPOS, P. F. de; MONTAGNARI, P. M. História Social da Enfermagem. In:\_\_\_\_\_; OGUISSO, T; FREITAS, G. F. (Orgs.) *Pesquisa em História da Enfermagem*. São Paulo: Manole, 2011.p.112-132.

## 4.21 Da admissão à alta: o percurso dos doentes e o papel dos enfermeiros no Hospital Real de Todos os Santos durante a União Ibérica (1616-1617)

Óscar Ferreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. oferreira@esel.pt

---

**INTRODUÇÃO:** Em 1620 Frei Nicolau D`oliveira publicou o *Livro das Grandezas de Lisboa*. Esta obra tinha como finalidade impressionar Filipe II de Portugal e os espanhóis da importância da cidade de Lisboa a qual, segundo o autor, era bem maior que Sevilha. No quinto tratado dessa obra (fl.118ft – fl.135vs), o monge apresenta o Hospital Real de Todos os Santos (HRTS) e relata aspetos do seu funcionamento, ilustrando o percurso dos doentes da admissão à alta/falecimento.

**OBJETIVOS:** Compreender o percurso dos doentes no HRTS, da admissão à alta; Identificar o papel dos enfermeiros do HRTS; Caracterizar como eram instruídos os futuros enfermeiros do reino.

**METODOLOGIA:** Método histórico, tendo como fonte principal a obra de Nicolau D`oliveira (1620).

**FONTES:** D`oliveira, N. (1620). *Livro das grandezas de Lisboa*. Lisboa: Impresso por Jorge Rodrigues. 190fls.

**RESULTADOS:** Na obra de D`oliveira (1620) identifica-se claramente o percurso dos doentes no HRTS desde a admissão até à alta/falecimento e alguns dos cuidados/tratamentos a que eram submetidos; o número de enfermeiros que faziam parte da instituição, o tipo de instrução ministrada, as suas responsabilidades e o tipo de relações com os outros trabalhadores do hospital.

**CONCLUSÕES:** Os doentes eram admitidos no Hospital pelo provedor, médicos e cirurgiões, após visita aos doentes internados na companhia dos enfermeiros e religiosos. Após a admissão o doente era enviado à igreja, onde se confessava e comungava. Seguia para a enfermaria indicada para a sua situação clínica onde, em livro próprio, era registada a sua identificação e feito espólio dos seus bens. Após atribuição da cama, era submetido a cuidados/tratamentos prescritos pelos clínicos e religiosos. Quando curado podia ser enviado para a enfermaria dos convalescentes. Se morria o hospital assumia o enterro. Os vinte e três enfermeiros que trabalhavam no Hospital eram responsáveis, entre outras atividades, pelo cumprimento das prescrições médicas e pelo conforto dos doentes. Destes, sete eram mancebos praticantes de cirurgia que depois de convenientemente examinados saíam com uma carta a qual lhes permitia exercer o ofício de forma autónoma.

**DESCRITORES:** História dos Hospitais, História da Enfermagem; Hospital Real de Todos os Santos; Frei Nicolau D'oliveira.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- Abreu, L. (2009). A Misericórdia de Lisboa, o Hospital Real e os insanos: notas para uma introdução. In: Guedes, N. C. (Coord.). *Museu São João de Deus. Psiquiatria e história* (pp.109-115). Lisboa: Editorial Hospitalidade.
- Ramos, L. A. O. (1993). Do Hospital Real de Todos os Santos à história hospitalar portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras. História*. X: 333-350.
- Santana, F. & Sucena, E. (1994). Dicionário da História de Lisboa. Lisboa: Diversos.
- Sousa, B. V. (2005). Ordens religiosas em Portugal: das origens a Trento: guia histórico. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, L. L. (2011). Os enfermeiros no Hospital Real de Todos os santos em Lisboa (1504). *Nursing Magazine Digital*, 270: 9 p.. Acedido em 24 jul2014 de: <http://www.nursing.pt/os-enfermeiros-no-hospital-real-de-todos-os-santos-em-lisboa1504/>

## 4.22 Enfermagem nos Diários das Sessões das Câmaras de Representantes em Portugal: Da Monarquia Constitucional ao fim do Estado Novo (1821-1974)

Paulo Joaquim Pina Queirós<sup>1</sup>; António José de Almeida Filho; Ana Paula Teixeira de Almeida Vieira; Maria Angélica de Almeida Peres; Tânia Cristina Franco Santos

<sup>1</sup> Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. [pauloqueiros@esenfc.pt](mailto:pauloqueiros@esenfc.pt)

**INTRODUÇÃO:** De 1821 a 1974, Portugal passou por profundas transformações sociais, políticas e tecnológicas. Foi durante este período que a enfermagem moderna foi criada neste país. A pesquisa sobre a História da Enfermagem em Portugal é escassa. Importa conhecer as influências ideológicas, discursos políticos, e regulamentação da profissão. O rigor da análise histórica exige que a narrativa construída assente em fontes historiográficas válidas.

**OBJETIVOS:** Levantamento das entradas sobre a Enfermagem em Portugal neste período, nos diários dos debates parlamentares das sessões das câmaras representativas, com vista a posterior análise e interpretação, para melhor compreender as fases iniciais da Enfermagem Moderna em Portugal, dos processos de empoderamento, afirmação e crescente visibilidade da enfermagem na sociedade portuguesa.

**METODOLOGIA:** Levantamento e análise sumária, das fontes (entradas) no sítio digital da Assembleia da República, através de motor de busca com descritores “enfermeiro”, “enfermeira”, “enfermeiras”, “enfermeiros”; “enfermagem”; “enfermaria”; “enfermarias”. Análise estatística do volume (nº páginas e de diários), fluxo temporal, dispersão e concentração das fontes pelos vários diários, e pelas várias câmaras, ao longo do período considerado.

**FONTES:** Sítio digital da Assembleia da República - Debates Parlamentares -Diários das Sessões, da totalidade das câmaras em funcionamento, no período da Monarquia Constitucional; Primeira República e Estado Novo.

**RESULTADOS:** No período da Monarquia Constitucional funcionaram seis câmaras: Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa (1821-1822), com 38 entradas; Câmara dos Senhores Deputados (1822-1910), com 1011 entradas; Câmara dos Pares do Reino (1826-1838), sem nenhuma entrada; Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa (1837-1838), com 7 entradas; Câmara dos Senadores (1838-1842), com 8 entradas; Câmara dos Pares do Reino (1842-1910), com 254 entradas. Entradas que correspondem a 1318 páginas de 903 números de diários. No período da Primeira República (1910-1926) funcionaram quatro câmaras: [Assembleia Nacional Constituinte](#) (1911-1911), com 6 entradas; Câmara dos Deputados (1911-1926), com 427 entradas;

Senado da República (1911-1926), com 245 entradas; Congresso da República (1911-1926), com duas entradas. Entradas que correspondem a 680 páginas de 485 números de diários de sessões. No período do Estado Novo (1935-1974) funcionaram duas câmaras: [Assembleia Nacional](#) (1935-1974), com 1462 entradas; e Câmara Corporativa (1935-1974), com 225 entradas. Entradas que correspondem a 1687 páginas de 961 números de diários de sessões.

**CONCLUSÕES:** O levantamento permitiu verificar a presença de referências à enfermagem, enfermeiros (as) e enfermaria (s) ao longo de todo o período, com um natural fluxo de aumento significativo nos anos mais próximos. Verificou-se ainda a predominância de referências em algumas câmaras em detrimento da ausência ou pouca expressão em outras. No longo período considerado não há diários de sessões de 1926 a 1935. No entanto é relevante a existência de um fluxo contínuo de fontes de grande volume que se expressa por um total de 3685 entradas/páginas de 2349 números de diários de sessões de 11 câmaras (apenas uma não tem entradas). Tão elevado número de entradas/fontes disponibiliza um acervo de material para a continuidade de estudos históricos de enfermagem objectivamente alicerçados.

**DESCRITORES:** História; Enfermagem; História da Ciência; Debates Parlamentares

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- Mendes, J. A. (1989): *A história como ciência*. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.
- Peres, M. A. Filho, A. J. A.; Paim, L. (2014): Historicidade da enfermagem nos espaços de poder. *História da Enfermagem Revista Eletrônica*. Vol. 5 No 1. Brasília.
- Santos, L. F. (2012): *Uma história da enfermagem em Portugal (1143-1973). A constância do essencial num mundo em evolução permanente*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Ciências da Saúde.
- Santos, T.; Barreira, I.; Gomes, M.; Baptista, S.; Peres, M.; Filho, A. J. A. (2011): A memória, o controle das lembranças e a pesquisa em história da enfermagem. *Esc. Anna Nery*. vol.15 no.3. Rio de Janeiro.
- Silva, H, S. (2010): *Do curandeiro ao diplomado: história da profissão de enfermagem em Portugal (1886-1955)*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

## 4.23 Do cuidar vocacional ao cuidar profissional: o exemplo da nobreza ibero-americana na 1ª metade do século XX (1951 - 1962).

Helga Rafael<sup>1</sup>, Cristina Lavareda Baixinho<sup>1</sup>, Óscar Ferreira<sup>1</sup>, Alice Curado<sup>1</sup>, Isabel Pereira<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. [hrafael@esel.pt](mailto:hrafael@esel.pt)

**INTRODUÇÃO:** À semelhança de muitas mulheres e homens também as rainhas e princesas se sentiram chamadas a cuidar dos seus semelhantes. Disso são exemplo em Portugal, no século XIII e XVI, a Rainha Santa (Cidrães, 2004) e no século XV a Rainha D. Leonor (Nogueira, 1990). Também no final da primeira metade do século XX, duas princesas, uma brasileira e outra espanhola sentiram vocação para o cuidar e cursaram enfermagem em duas das escolas que vieram a estar mais tarde na origem da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa (ESEL).

**OBJETIVOS:** Identificar quem foram essas princesas; Identificar as escolas, os cursos que frequentaram e onde exerceram; Compreender os motivos por que escolheram o curso de enfermagem e as respetivas escolas; Caracterizar os cursos que frequentaram.

**METODOLOGIA:** Método histórico.

**FONTES:** Documentos de arquivo da ESEL; jornais da época e entrevistas fornecidas a jornalistas.

**RESULTADOS:** A princesa Thereza Maria Theodora Amelia Luiza Victoria de Orleans e Bragança (Brasil) cursou enfermagem na Escola Técnica de Enfermeiras de 1951 a 1954 enquanto a princesa Maria del Pilar Alfonsa Juana Victoria Luisa Ignacia de Todos los Santos de Borbón y Borbón-Dos Sicilias (Espanha), estudou enfermagem na Escola de Enfermagem Artur Ravara no final dos anos de 1950. Enquanto a primeira nunca exerceu a profissão, a segunda foi enfermeira do Hospital de Santo António dos Capuchos na primeira metade da década de 1960, tendo participado no resgate e tratamento dos feridos do acidente da estação ferroviária do cais do Sodré em 1963.

**CONCLUSÕES:** Estas duas princesas profissionalizaram-se por vocação e com a finalidade de, se necessário, poderem utilizar o diploma do curso que frequentaram para se sustentarem. A sua presença nas escolas deu visibilidade à profissão e às instituições educativas que frequentaram. Paralelamente fomentou o estatuto e o reconhecimento da enfermagem em Portugal.

**DESCRITORES:** História da Enfermagem; Escolas de Enfermagem; Princesas; Estudantes.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- Cidraes, M. L. (2004). *Isabel de Aragão, Rainha Santa: da história ao mito*. Odivelas: 85º aniversário da Associação das Antigas Alunas do Instituto de Odivelas.
- Ferreira, Ó. (2005). Enfermagem: do cuidar instintivo à autonomia. *Sinais Vitais*. (61): 61-64.
- Martins, A. P. V. (2011). Gênero e assistência: considerações histórico-conceituais sobre práticas e políticas assistenciais. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. 18(1): 15-34.
- Nogueira, M. (1990). *História da Enfermagem*. 2ª ed. .Porto: Edições Salesianas.
- Sá, I. G. (1994). Entre Maria e Madalena: a mulher como sujeito e objeto de caridade em Portugal e nas colónias (Séculos XVI-XVIII). In *O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa* (pp. 329-337) Actas, Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

## 10 novembro | 14:30 – 16:00h | Anfiteatro MODERADOR: LUÍS LISBOA SANTOS

### 4.24 O quadro funcional dos enfermeiros no hospital de S. José e Anexos de Lisboa em 1901 e 1918

Luís Lisboa Santos<sup>1</sup>, Viriato Mascarenhas Moreira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de S. Francisco das Misericórdias. <sup>2</sup>Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. [lisbon.santos@gmail.com](mailto:lisbon.santos@gmail.com)

**INTRODUÇÃO:** Um regulamento geral dos serviços clínicos do hospital de S. José e Anexos em Lisboa de 1901 manteve um esquema hierárquico de 1863 em relação à enfermagem: enfermeiro-ajudante-praticante. Aos enfermeiros cabiam funções de gestão das enfermarias e dos cuidados a prestar aos doentes, assim como da sua organização e orientação dos ajudantes e dos praticantes. Em 1913 o hospital de S. José e Anexos em Lisboa passou a denominar-se ‘Hospitais Civis de Lisboa’, com autonomia técnica, administrativa e financeira. Em 1918 uma reorganização nos Hospitais Civis de Lisboa, depois de um regulamento geral em 1901, agora a funcionarem de forma autónoma, dependente do Ministério do Interior, com a administração de um diretor geral dos Hospitais Civis de Lisboa. Quais as alterações? Em termos conceptuais, a mudança de enfermeiro-ajudante-praticante, para enfermeiro-chefe / enfermeiro-sub-chefe e enfermeiros de 1ª e 2ª classe, com uma transição do enfermeiro para enfermeiro –chefe; os ajudantes passaram a enfermeiros sub-chefes e os praticantes a enfermeiros de 1ª e 2ª classe. Para o ingresso nesta carreira, os enfermeiros de 2ª classe provinham dos estudantes aprovados na escola profissional de enfermeiros, pelo menos os melhores classificados.

**OBJETIVOS:** Analisar a organização funcional dos enfermeiros do Hospital Real de S. José e Anexos de 1901 e dos Hospitais Civis de Lisboa de 1918. Interpretar as mudanças observadas entre 1901 e 1918.

**METODOLOGIA:** Uma metodologia histórica com análise documental (regulamentos de 1901 e 1918), surgem como fundamento essencial para este nosso estudo. Outras fontes primárias ou secundárias complementarão as fontes para este enquadramento metodológico.

**RESULTADOS:** No regulamento de 1901 as atividades de enfermagem eram baseadas nas prescrições clínicas. Todas as atividades para as enfermarias estavam prescritas neste regulamento, com a responsabilidade do enfermeiro. As atividades dos ajudantes e praticantes eram da responsabilidade do enfermeiro. Nas ausências dos enfermeiros eram os ajudantes que os substituíam. Em relação aos cuidados a prestar aos doentes

incluídos na parte técnica hospitalar, eram observados e avaliados pelo médico diretor e também pelos fiscais do hospital. Nas alterações introduzidas pelo regulamento de 1918, justificadas por questões económicas e financeiras, e numa forma de gerir os recursos financeiros de forma mais adequada, pelo mau recrutamento do pessoal de enfermagem e os seus vencimentos baixos, de uma forma global, as funções do enfermeiro eram agora do enfermeiro chefe, do ajudante do enfermeiro sub-chefe e do praticante eram agora dos enfermeiros de 1ª e 2ª classe.

**CONCLUSÕES:** Entre 1901 e 1918, a globalidade das funções dos enfermeiros não foram alteradas. Aquilo que foi alterado foi a sua estrutura funcional, com uma mudança de terminologia, havendo uma passagem de funções de um regulamento para outro.

**DESCRITORES:** Enfermeiros; Normas; Organização e administração; História da Enfermagem

**FONTES:**

- Hospital Real de S. José e Anexos - Regulamento geral dos serviços clínicos no Hospital Real de S. José e Anexos. Lisboa: Imprensa Nacional, 1901.
- Hospitais Civis de Lisboa - Reorganização dos seus serviços. Lisboa: Imprensa Nacional, 1918.

## 4.25 Imagens representativas do passado histórico dos uniformes de enfermagem nas décadas de 40 e 50

Viriato Mascarenhas Moreira<sup>1</sup>, Luís Lisboa Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. <sup>2</sup> Escola Superior de Enfermagem de S. Francisco das Misericórdias. [viriato.moreira@esel.pt](mailto:viriato.moreira@esel.pt)

**INTRODUÇÃO:** A roupa sempre esteve ligada a um traço de individualidade. Tem uma linguagem própria e comunica sobre a idade, a classe social, a profissão e o sexo de quem as veste. Através dos tempos, o traje transportou essa representação de classe. A reforma no ensino de enfermagem de 1947 carregou para o uniforme, não só a função de protecção mas, a de transmitir uma nova imagem social das escolas e dos profissionais de enfermagem. Através dele procurava-se a imagem de “autonomia”.

**OBJETIVOS:** Descrever os uniformes usados na primeira metade da centúria de novecentos; Analisar o significado do uniforme na construção de uma nova identidade de enfermeira em Portugal.

**METODOLOGIA:** Elegemos a metodologia historiográfica enquanto facilitadora da leitura das fotografias históricas. Entendemos que a fotografia é significativamente expressiva, absorve a cultura do seu tempo e, em simultâneo, encorpa essa mesma cultura dando-lhe uma materialidade fortemente considerável e particularmente significativa. Como fontes primárias recorreremos a fotografias pertencentes ao espólio pessoal da Sra. Enfermeira Isabel Soares e ao acervo fotográfico da ESEL. Cada imagem é analisada seguindo-se os seguintes critérios:

- Análise da imagem: Ano, local, contexto.
- Análise do uniforme: Modelo, Hospitalar/ Comunitário/Religiosa; Género: masculino/feminino. Tipo: Aluno preliminar/ Aluno/ Farda escolar/ Farda de estágio/ Farda visitação domiciliária/ Enfermeiro Diplomado/ Auxiliar Enf.; Características do modelo: Vestido/ Punhos/ Colarinhos/ Abotoado/ Saia/ Altura /Meias cor/ Sapatos Cor/ Bata/ características.
- Acessórios: Avental/ com alças/ peitilho/altura: Touca/ Friso/ Cor/ forma: Véu / formato

Como fontes secundárias recorreremos aos livros, teses e artigos que abordam a temática em estudo

**RESULTADOS:** A normalização e obrigatoriedade do uso do uniforme pelas diferentes instituições, tanto em alunas como em diplomados, contribuí-o de forma evidente para a construção de uma nova identidade profissional dos enfermeiros Portugueses. A imagem, que as imagens procuravam demonstrar era de uma mulher enfermeira, laica,

vestida com predomínio do branco “imaculado”, de algodão e onde os elementos constituintes do seu vestuário a diferenciavam enquanto alunas ou profissionais, e entre estes a diferenciação de níveis hierárquicos, a instituição a que pertenciam, como por exemplo, através da cor do vestido, do modelo do avental, do véu ou a touca ou as insígnias. O uso dos uniformes obedeciam a normas e regras que impunham disciplina, saber estar, saber ser, consequência das regras de economia dos bens simbólicos produzidas no internato.

**CONCLUSÕES:** Representando as escolas Artur Ravara, Ângelo da Fonseca e a Escola do Hospital de Santa Maria. Os hospitais de Júlio de Matos, o Hospital da Misericórdia de Sintra, concluímos que o uso dos uniformes contribuíram para a construção da identidade da profissão de enfermagem nas décadas de 40 e 50da centúria de novecentos.

**DESCRITORES:** História da enfermagem; vestuário; normas

**FONTES:**

- Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. Acervo fotográfico. Álbum fotográfico da antiga Escola superior de Enfermagem de Francisco Gentil. Lisboa 2015.
- Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. Acervo fotográfico. Álbum fotográfico da antiga Escola Superior de Enfermagem de Artur Ravara. Lisboa 2015.
- Soares, Maria Isabel. Álbum fotográfico pessoal.

## 4.26 Reflexionando a cerca de la simbología del uniforme en la Facultat de enfermeria de la URV

Carmen Relats<sup>1</sup>, Virtudes Roderó Sanchez<sup>1</sup>, Maria Francisca Jimenez Herrera<sup>1</sup>, Francisca Gusinye<sup>2</sup>

<sup>1</sup>URV Tarragona, <sup>2</sup>Escuela Enfermería UB Barcelona. [carme.vives@urv.cat](mailto:carme.vives@urv.cat)

---

**INTRODUCCIÓN:** La enfermería se ha venido configurando históricamente y conforma el uniforme como símbolo representativo universal, proviene de una tradición religiosa ello crea un sentido social de uniformidad, tiene funciones de pertenencia y manifiesta un estatus. El uniforme actúa como símbolo de comunicación de ideas y pensamientos que transmiten un significado y permiten pensar mediante imágenes construyendo de construyendo identidades

**OBJETIVOS:** Crear de espacios de autorreflexión acerca de la importancia del uniforme. Identificar la influencia que tiene los significados y sentidos sobre el uniforme como expresión de identidad profesional.

**METODOLOGÍA:** Trabajo descriptivo de carácter cualitativo. Unidad de trabajo docente de enfermería y alumnos de la URV. Elaboración de un Cuestionario de cinco preguntas semi estructuradas, centradas en la simbología del uniforme. Muestra: Entrevista de 45' a 10 profesoras y 10 estudiantes de la URV

**RESULTADOS:** Necesidad de identificarse como profesional El uniforme y tarjeta con el nombre y la palabra enfermera. El uniforme junto a la actitud de saber ser y saber estar transmite prestigio y es diferenciador de una profesión. Otorga poder, estatus, poniéndonos en un plano superior. Actúa como barrera de protección física y emocional. Igualar los uniformes difumina responsabilidades. Los colores identifican el ámbito de trabajo y el estatus. El ritual de ponerse el uniforme es la frontera donde comienza la responsabilidad y representa la institución. El uniforme puede tender a etiquetar y diferencia de una manera peyorativa. El uniforme homogeneizado resalta el valor de la pertenencia al grupo. Los alumnos expresan que sus uniformes no les integra al equipo. La estética y la elegancia transmiten empodera a los profesionales, ayuda a transmitir "ser enfermera". Hay que crear una uniforme que corresponda con el rol profesional y nos diferencie por lo que hacemos y somos. El uniforme actual nos confunde con otros profesionales. El color diferencia a los profesionales crea distancia y jerarquía.

**CONCLUSIONES:** La reflexión sobre la simbología del uniforme ha de ser de utilidad para los docentes y estudiantes en la toma de decisiones de éste como símbolo de identidad profesional. El uniforme significa un elemento que indica visibilidad gremial, que deja al profesional entre significados que van entre demérito profesional y el rescate de un elemento simbólico de identidad. El uniforme proyecta el yo personal y

profesional. El Ser visibles no viene de ser diferentes sino de buscar que los otros abran los ojos. Seremos autoras de las transformaciones que nos pide el momento histórico.

**DESCRIPTORES:** Enfermería, Identidad, Uniforme, simbología, status.

**REFERENCIAS:**

- Galindo Huertas, MS. Pervivencias y resistencias históricas en la re significación del uniforme de enfermería. Biblioteca Las casas. 2007;3(1) Disponible en <http://www.index-f.com/lascasas/documentos/lc0205.php>
- Benavent MA. Fundamentos de Enfermería. España: DAE, Grupo Paradigma;2000.
- Arocha de Cabrera O. Símbolos de pertenencia de la enfermería. Avances de la Enfermería [Col].2000; XIX(1).
- Manguel, Alberto.- *Leer imágenes*. Alianza, Madrid 2002, Santo Tomás Pérez, Magdalena.- *Iconografía y Enfermería. Un instrumento para la investigación*. Rev. INDEX de Enfermería. Invierno 1997. Año VI, nº 19, 45-48
- Kérovac S. El Pensamiento Enfermero. España: McGraw-Hill Interamericana;1996.

## 4.27 El último hospital palacio de la Península Ibérica. Evolución de los cuidados enfermeros.

Carmen Vila Gimeno <sup>1</sup>, Ángela Pallarés y Cristina Olivé

<sup>1</sup>Facultad de Ciencias de la Salud, Universitat Ramon Llull. Carmenvg@blanquerna

---

**INTRODUCCIÓN:** El 15 de enero de 1902 se puso la primera piedra del Hospital de la Santa Cruz y San Pablo (HSCSP) de Barcelona que, después de superar múltiples dificultades, iniciaría su actividad en 1929. Inicialmente, el personal que administraba los servicios y proporcionaba cuidados enfermeros pertenecía a congregaciones religiosas. Tras fundarse la primera escuela de enfermería catalana durante la Segunda República, se inicia un proceso de profesionalización los cuidados que se ha prolongado hasta hoy.

**OBJETIVOS:** Dar a conocer la historia de la construcción del Hospital de la Santa Cruz y San Pablo de Barcelona. Analizar la progresión histórica de cuidados enfermeros en dicha organización y su evolución durante la primera mitad del siglo XX.

**METODOLOGÍA:** La fenomenología hermenéutica como reflexión interpretativa cultural para el análisis de las fuentes documentales (Archivo Histórico de la ciudad de Barcelona, Archivo Municipal Contemporáneo de Barcelona y Archivo histórico del HSCSP) así como de bibliografía relacionada.

**RESULTADOS:** Según el reglamento interno de 1869, los frailes y las monjas distribuían los medicamentos, administraban enemas y aplicaban sinapismos, mientras que los practicantes hacían las curas y aplicaban sanguijuelas. En 1923, los religiosos comenzaron a realizar otras tareas enfermeras prescritas por el médico hasta que en 1927, se delegó formalmente a los religiosos la toma de la temperatura y el pulso, la administración de inyecciones hipodérmicas, lavados e irrigaciones vaginales y otras tareas relacionadas con los cuidados enfermeros. A partir de aquel momento la administración del centro obligó a los religiosos a profesionalizarse mediante la obtención del título de enfermera. Después de la guerra civil, muchas de estas nuevas enfermeras serían depuradas.

**CONCLUSIONES:** Debido a que el HSCSP fue desde sus orígenes un hospital privado de beneficencia, los cuidados enfermeros estuvieron a cargo de órdenes religiosas, con una formación recibida en la misma congregación, hasta que la progresiva complejidad del trabajo enfermero les obligó a obtener la titulación oficial, iniciándose un proceso de profesionalización que duró hasta la guerra civil.



**REFERENCIAS:**

- Cornudella, J. 1971, El trasllat al nou Hospital de la Santa Creu i de Sant Pau, in *L'Hospital de Santa Creu i de Sant Pau. L'Hospital de Barcelona*, 3a. edn, Editorial Gustau Gili, S.A., Barcelona, pp. 145-155.
- Fargues García, I. 2001, L'evolució del rol d'infermeria a l'Hospital de la Santa Creu i Sant Pau, in *La història de la infermeria a l'Hospital de la Santa Creu i Sant Pau.*, Fundació privada Hospital de la Santa Creu i Sant Pau, Barcelona.
- Fargues García, I. & Tey Freixa, R. Inicios de la profesionalización enfermera en el Hospital de la Santa Creu i Sant Pau de Barcelona (1901-1966).
- Reventós i Conti, J. 2003, *Els hospitals de Barcelona i el barcelonès* Viena edicions, Barcelona.
- Salmeron, P. L'Hospital de la Santa Creu i Sant Pau: 600 anys d'història. Butlletí de la Societat d'Amics de la història i de la Ciència 26, 61-63. 2001.

## 4.28 ¿Qué fue la enfermería en la medicina hipocrática? Su mensaje para el mundo actual

Amparo Nogales Espert<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Profesora Honorífica. Facultad de Ciencias de la Salud. Universidad Rey Juan Carlos. Madrid

---

**INTRODUCCIÓN:** La Historia de la Enfermería en el contexto de la medicina hipocrática se despliega ante nuestros ojos de forma mucho más amplia de lo que podría esperarse, mostrándonos cómo aprendió la enfermera y cuáles fueron los conocimientos de enfermería que pudieron desarrollarse en el largo periodo en que se produce el inicio de la medicina científica en Grecia, 450 años a-C.

**OBJETIVOS:** Investigar la existencia, si la hubo, de unos cuidados de enfermería desarrollados afectivamente, desde una visión humanista, partiendo de los textos del *corpus hipocraticum*. Analizar cuál fue el papel de los ayudantes del *asclepiada* con funciones de enfermería, en la asistencia a los enfermos en este período histórico de larga duración. Revisar la posible influencia de la medicina hipocrática en sus inicios como ciencia sobre la enfermería, también en sus primeros pasos en la ciencia de los cuidados. Estudiar los antiguos cuidados a los enfermos en relación con la praxis actual.

**METODOLOGÍA:** Procedemos a una revisión de la Historia de la Medicina de Pedro Laín Entralgo, seleccionando aquellas obras de su investigación sobre Medicina Hipocrática que respondían más ampliamente a los objetivos propuestos en este trabajo.

Igualmente hemos seguido a Laín Entralgo en sus estudios antropológicos sobre el ser humano sano y enfermo, la salud y la enfermedad y su filosofía sobre medicina humanista, procurando su aplicación a la enfermería.

En nuestra metodología de estudio utilizamos la hermenéutica o interpretación de las fuentes reveladoras de los hechos, que van mostrando la actuación de la escuela hipocrática en la aparición de una nueva enfermería más abierta a la ciencia, con más conocimientos y autonomía.

**FUENTES:** Hemos acudido a fuentes primarias sobre asistencia sanitaria en Valencia, España, en los archivos siguientes: Archivo Municipal de Valencia; Archivo de la Diputación de Valencia, Archivo del Reino de Valencia, fundamentalmente, recabando información sobre el modo en que fue caminando la enfermería y si este camino se realizó desde unos cuidados afectivos y humanistas.

Para este propósito nos hemos valido de nuestra primera tesis doctoral basada en el estudio de la asistencia sanitaria valenciana desde fines del siglo XV hasta comienzos del XVIII.

Para los aspectos antropológicos y de aproximación filosófica a los fundamentos de enfermería hemos echado mano de diversa documentación manejada en la tesis doctoral recientemente defendida, sobre la antropología de Pedro Laín Entralgo.

**RESULTADOS:** En los textos del corpus hipocraticum se encuentran datos para interpretar las funciones de enfermería y el papel que los cuidadores representaron en la prestación de cuidados afectivos a los enfermos.

Igualmente encontramos información en la evolución histórica de los cuidados sobre esta misma materia.

**CONCLUSIONES:** Diversos textos hipocráticos: Aforismos, Preceptos, Sobre los vendajes, Sobre las heridas etc. ofrecen valiosa información que nos permite darnos cuenta del peso de la medicina hipocrática sobre el desarrollo posterior de la enfermería.

Igualmente la medicina antropológica de Laín Entralgo nos permite analizar hasta qué punto la asistencia humanitaria impregna los cimientos de la enfermería y cómo a lo largo de la historia el carácter del médico y de la enfermera tienen que ver en su actuación.

En consecuencia, la formación del temperamento del profesional de cuidados, demanda su puesto en la formación de enfermería.

#### REFERENCIAS:

- BYUNG-CHUL HAN.- El aroma del tiempo. Un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse. Herder. Barcelona, 2015
- LAÍN ENTRALGO, Pedro.- La medicina hipocrática. Alianza. Madrid, 1970
- LAÍN ENTRALGO, Pedro.- Antropología médica para clínicos. Salvat. Barcelona, 1982
- NOGALES ESPERT, Amparo.- La Sanidad Municipal en la Valencia Foral Moderna: 1479-1707. Tesis Doctoral. Universidad de Valencia, Estudi General. Publicado en Ayuntamiento de Valencia. Colección Estudis, nº 10. Valencia, 1997
- NOGALES ESPERT, Amparo.- La antropología de Pedro Laín Entralgo y su aplicación a la enfermería. Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, 2015.

## 4.29 Motivações da expansão do número de vagas para o ensino em enfermagem em Portugal: estudo dos textos legislativos no período de 1935 a 1974

Deybson Borba de Almeida<sup>1</sup>, Paulo Joaquim Pina Queirós<sup>2</sup>, Gilberto Tadeu Reis da Silva<sup>3</sup>, Aline Di Carla Laitano<sup>4</sup>, Sirléia de Sousa Almeida<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Feira de Santana, <sup>2</sup>Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, <sup>3</sup>Universidade Federal da Bahia, <sup>4</sup>Enfermeira da Prefeitura Municipal de Salvador, Bahia, Brasil. deybsonborba@yahoo.com.br

**OBJETIVO:** Identificar as motivações governamentais da expansão dos cursos de enfermagem em Portugal no período histórico de 1935 a 1974, tendo como base de dados o acervo de legislações dessa época e como técnica a análise temática.

**MÉTODO:** Trata-se de um estudo histórico. Como justificativa apontamos o número restrito de pesquisas nesta temática, sendo que o banco de dados escolhido, apesar de disponível por meio eletrônico, nunca fora abordado. Este estudo é produto de uma parceria entre instituições universitárias do Brasil e Portugal.

**RESULTADOS:** identificamos as seguintes categorias temáticas: motivações pela expansão da cobertura assistencial, pelo aparelhamento tecnológico da assistência hospitalar, pela necessidade da profissionalização da enfermagem a fim de atender a uma melhor qualidade do cuidado em saúde e da assistência a doentes. Foram identificados interesses econômicos, vinculados a conter os gastos da assistência hospitalar, em contrapartida a necessidade de garantir a melhoria da qualidade assistencial.

**CONCLUSÕES:** Por fim, consideramos que apesar dos interesses econômicos, de dominação e exploração do trabalho feminino, o cuidado de enfermeiras avançou como uma necessidade de saúde pública devido aos resultados a que imprimiu nas instituições e comunidades situadas.

**DESCRITORES:** História da Enfermagem, Ensino , Identidade de Gênero, Política e Liderança.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ROSA, F. Salazar e o Poder: a arte de saber durar. Lisboa: Tinta da China, 2012.
- SOUSA, P. A. F. O sistema de saúde em Portugal: realizações e desafios. Acta paul. enferm., São Paulo , v. 22, n. esp, p. 884-894, 2009.
- FERREIRA, Ó. R. Enfermagem Religiosa no Portugal do Século XX (1901-1950): Detratores e Apologistas, dois extremos em confronto. Pensar Enfermagem, Portugal, v. 18, n. 1, 2014.

**10 novembro | 14:30 – 16:00h | Sala Paralela**  
**MODERADOR: MARIA CÉU SÁ**

**4.28 Enfermeiros Transculturais – a mobilidade profissional em contextos de diversidade cultural**

Cristina Teles<sup>1</sup>, Paulo Castro Seixas<sup>2</sup>, Pedro Pereira<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Investigadora do projeto, ISCSP, <sup>2</sup>Professor Associado com agregação, ISCSP, <sup>3</sup>Professor Escola Superior de Saúde, IPVC. [teles.cristina@hotmail.com](mailto:teles.cristina@hotmail.com)

**INTRODUÇÃO:** Certamente que desde o início do século XX até ao início do XXI as mudanças na Enfermagem foram acentuada, ainda que a sua essência não se tenha alterado: *cuidar do outro* de uma forma *holística*. Evidentemente, que ao longo do século XX, o *cuidar* se tornou mais complexo, não apenas porque a sociedade portuguesa se transformou acentuadamente, mas também porque a própria formação de enfermeiros ganhou contornos académicos mais longos e mais valorizados. Contudo, neste início de século, de uma forma crescente, uma nova tendência ganha corpo na construção identitária dos enfermeiros: a *migração*. Será que esta mobilidade profissional presente na enfermagem não fará desta uma profissão de vanguarda, antecipando o poderá vir a acontecer noutras profissões?

**OBJETIVOS:** Na continuidade de um trabalho desenvolvido na transição do século XX para o século XXI, *Relações e Situações Críticas em Enfermagem* (Seixas e Pereira, 2005) e enquadrada no campo das políticas públicas de educação, a presente investigação apresenta-se como um estudo exploratório que visa, primordialmente, compreender a experiência profissional e pessoal de desterritorialização de enfermeiros formados em Portugal que trabalham noutro país.

**METODOLOGIA:** Para tal foi lançado um guião de entrevista semi-directiva a uma amostra de cem enfermeiros formados em Portugal que exercem a sua profissão no estrangeiro. Para além de considerar as propostas de M. Leininger de *Enfermagem Transcultural* (1970 e 1988) relativamente ao exercício de enfermagem em contexto de diversidade cultural, o guião de entrevista seguiu diretrizes tendencialmente antropológicas procurando inquirir os enfermeiros relativamente ao *processo ritual* (Turner, 1974) da experiência migratória nomeadamente de partida, integração e possível regresso.

**FONTES:** Survey de entrevistas a enfermeiros.

**RESULTADOS:** Considerando que este é um *trabalho em progresso*, os resultados são, naturalmente, parciais, exigindo posteriormente a sua contextualização global. Neste momento, podemos salientar que a maioritariamente os entrevistados são do sexo feminino e solteiros(as), tendo sido o principalmente o desemprego que os levou a emigrar, particularmente para Inglaterra. Apesar das barreiras linguísticas que dificultaram a integração, de uma forma geral, os entrevistados não pensam voltar a Portugal.

**CONCLUSÕES:** Em síntese, as conclusões provisórias sugerem, desde logo, a necessidade de investimento na política de formação transcultural dos enfermeiros, quer para diminuir as situações de descontextualização dos enfermeiros, quer para fomentar a prestação de cuidados que se revistam de competência transcultural. Por outro lado, a compreensão das dimensões da mobilidade na enfermagem poderá permitir repensar as políticas formativas relativamente a outras profissões também expostas a contextos de globalização.

**DESCRITORES:** Competência cultural; Desterritorialização; Enfermagem; Mobilidade; Migração.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Leininger, M. (1970). *Nursing and anthropology: Two worlds to blend*. Nova Iorque: JohnWiley.
- Leininger, M. (1988). Leininger's Theory of Nursing: Cultural Care Diversity and Universality. *Nursing Science Quarterly*, 1, pp. 152----160.
- Seixas, P. C. e Pereira, P. (2005). *Relações e Situações Críticas em Enfermagem*, Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Pereira, P. (2011). *Salvar a pessoa: contributos para a competência cultural dos enfermeiros nos processos de doença*, *Pensar Enfermagem*, Vol. 15 N.º 2, pp. 14-25.
- Turner, V. (1974). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Editora Vozes.

## 4.29 La escuela de enfermeras Santa Isabel de Hungría a través de la prensa

Maribel Arandojo Morales<sup>1</sup>, Josefa Centeno Brime<sup>2</sup>, F J Hernandez Martin<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Enfermera, Doctoranda en Cuidados en Salud UCM. <sup>2</sup>Colaboradora Departamento de Enfermería UCM y Miembro del Seminario Permanente de Historia Enfermería (SPIHE), <sup>3</sup>Profesora Facultad de Enfermería, F. y P. - UCM Presidenta del Seminario (SPIHE) [maribelarandojo@gmail.com](mailto:maribelarandojo@gmail.com)

**INTRODUCCIÓN:** La Escuela de Enfermería “Santa Isabel de Hungría” fue fundada en 1896 en Madrid por el Dr. Federico Rubio. Era la primera escuela de enfermeras laica en España que se crea siguiendo los parámetros de los centros más innovadores europeos, pero adaptándolos a la mentalidad y desarrollo de la España de final del siglo XIX. La prensa del momento se hace eco de forma extensa respecto a esta institución y busca presentarlo como un ejemplo a seguir.

**OBJETIVOS:** identificar a través de la prensa contemporánea, las ideas innovadoras introducidas por la Escuela de Enfermería “Santa Isabel de Hungría”, mostrar el impacto de esta institución como un centro pionero en el desarrollo de la Enfermería moderna española y señalar el papel divulgador de estos medios para buscar el reconocimiento social y profesional de la Enfermería a través de esta institución.

**METODOLOGÍA:** Este trabajo ha seguido una metodología histórica utilizando fuentes documentales y BIBLIOGRÁFICAS. Se han utilizado como fuentes primarias, periódicos y revistas españoles de finales del siglo XIX y principios del siglo XX extraídos de los fondos documentales de la Biblioteca Nacional de España y de la hemeroteca del periódico ABC. Las fuentes secundarias han permitido contextualizar estos documentos y realizar un análisis crítico de los mismos.

**RESULTADOS:** Tras el análisis documental podemos concluir diciendo que la divulgación de la formación y el cuidado enfermero desarrollado por la Escuela de Enfermeras Santa Isabel de Hungría aporta a la Enfermería la creación de una conciencia social para el reconocimiento de la profesión enfermera como trabajo para vivir de forma independiente. De sus aportaciones vemos cómo se van dando las claves de lo que será la profesión ejercida por mujeres laicas.

**DESCRIPTORES:** Historia, Enfermería, Santa Isabel de Hungría, prensa

### FUENTES DOCUMENTALES:

- La Unión Católica 22/09/1896 nº 2761 pág. 1.
- La Dinastía (Barcelona) 27/08/1896 nº 5919 pág. 2.
- El Nuevo Régimen 29/08/1896 nº 295 pág. 3.
- El Liberal (Madrid 1879) 14/09/1896 nº 6191 pág. 2.
- El Imparcial (Madrid 1867) 13/09/1896 nº 10546 pág. 3.

**REFERENCIAS:**

- Hernández Martín FJ, Pinar García ME, Moreno Roy MA. Memoria de un centenario: Primera Escuela de Enfermería Santa Isabel de Hungría. Híades: Revista de Historia de Enfermería.1996; nº3:p.189-95.
- Herrera Rodríguez F. Un acercamiento a la obra de Federico Rubio y Galí (1827-1902). Revista de Historia de El Puerto [Internet]. 2002 [Acceso 09/08/2015]; nº29 Disponible en: [http://www.revistadehistoriade-elpuerto.org/contenido/revistas/29/29\\_articulo\\_03.pdf](http://www.revistadehistoriade-elpuerto.org/contenido/revistas/29/29_articulo_03.pdf).
- Matesanz Santiago MÁ. Las fundaciones sanitarias laicas en la España del siglo XX: la Escuela de Enfermería de la Fundación Jiménez Díaz [Tesis]. Madrid: Universidad Complutense de Madrid; 2012.



### 4.30 El Enfermero Mayor en el Hospital de San Lorenzo El Real de El Escorial (1563-1599)

Josefa Centeno Brime<sup>1</sup>, M. I. Arandojo<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Colaboradora Departamento de Enfermería Fundamental de la Facultad de Enfermería, Fisioterapia y Podología - Universidad Complutense – Madrid,

<sup>2</sup>Enfermera. Doctoranda en Cuidados en Salud de la Facultad de Enfermería, Fisioterapia y Podología Enfermería - Universidad Complutense – Madrid.  
[joseface2@gmail.com](mailto:joseface2@gmail.com)

---

La Historia de los hospitales nos da razón de que los hospitales se inician en Bizancio donde encontramos el Hospital de San Basilio en Constantinopla para atender a los enfermos.

En la Edad Media, nos da cuenta de los hospitales y las enfermerías monásticas. Con el Renacimiento, los reyes empiezan a considerar el problema sanitario como una obligación de la Monarquía. En este momento, aparecen en España los Hospitales Reales de Santiago, Granada etc.

Aunque estos centros estaban destinados a acoger a pobres y enfermos, existieron hospitales como el de San Lorenzo del Escorial, donde se cuidó además a los trabajadores del Real Monasterio, mientras duró su construcción, durante el último tercio del siglo XVI.

Partimos de las fuentes documentales y las fuentes bibliográficas y seguimos para el estudio el método histórico crítico siguiendo a J. Arostegui.

Nuestro objetivo es analizar la Instrucción que regula el funcionamiento de este Hospital, desde el punto de vista de la Enfermería Jerónima y desde la perspectiva de los cuidados de Enfermería. Se denomina *“Instrucción y modo de lo que se ha de tener en curar enfermos del Hospital de Sanct Lorenzo el Real de el Escorial, ansi en lo del alma como en lo del cuerpo”*

A través del análisis de este documento, pretendemos acercarnos la figura del Enfermero Mayor y a la organización del cuidado al enfermo.

Los resultados de este estudio nos hablan de que este hospital sigue una organización de la asistencia semejante al establecido por B. Obregón en los hospitales de los obregones y en el monasterio hospital de Guadalupe.

En este momento el cuidado y la curación de los enfermos se entienden como una actuación corporal y espiritual

En el documento, se señala la organización de la asistencia a los pobres enfermos las 24 horas al día. Al frente de la organización de la asistencia y del cuidado a los enfermos

aparece la figura del Enfermero Mayor, como responsable del mismo y con dedicación exclusiva a este cometido.

Podemos concluir diciendo que mientras que funciono como hospital aplicó un cuidado puntero por el tipo de enfermos trabajadores sobre todo, el uso de la dieta, el reposo, la higiene y la convalecencia como elementos terapéuticos.

Es difícil entender esta Enfermería de este centro sin el auxilio de la botica y los manuales anatómicos de la biblioteca del Escorial. Conocimientos básicos de los mismos se recomendaban al Enfermero Mayor en las Instrucciones.

**DESCRIPTORES:** Hospital, Enfermería, siglo XVI, Escorial.

#### **REFERENCIAS:**

- Zarco Cuevas El Hospital de El Escorial (apuntes para su historia).Publicaciones sobre el monasterio de El Escorial.1923 Revista Ciudad de Dios.1923; vol. 132: 415-422 y vol.133:5-13,100-105.
- Delgado Marchante A. El hospital de laborantes de San Lorenzo de el Escorial. Actas I Congreso Nacional de Enfermería, Barcelona.1996: 17-21.
- Maganto Pavón E. El Hospital Real de laborantes de El Escorial (1563-1599). Madrid: Ayuntamiento de El Escorial; 1992.
- Maganto Pavón E. Organización sanitaria y asistencial en las enfermerías jerónimas escurialenses durante la construcción del Monasterio. Actas del Simposium. 1995; I: 307-330.
- Cano de Gardoqui García JL. El Hospital de El Escorial durante la construcción del Monasterio y hasta la muerte de Felipe II (1563-1599). Actas del Simposium.1995; I: 331-354.

#### 4.31 "...tratar dos doentes da enfermaria com toda a caridade...": norma e desvio no ofício de enfermeiro do Hospital Real da Santa Casa da Misericórdia do Porto (1771-1800)

Luís Alexandre Oliveira<sup>1</sup>, Rui Manuel Pinto Costa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem do Porto, <sup>2</sup>Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, Universidade de Coimbra. alexandre@esenf.pt

---

**RESUMO:** Esta comunicação foca os enfermeiros que exerciam o seu ofício no Hospital Real da Santa Casa da Misericórdia do Porto no último quartel do século XVIII. Tendo por base fontes primárias relativas à contratualização dos enfermeiros e serventes hospitalares do Hospital Real (Hospital de D. Lopo), é possível descortinar um conjunto de dados que ajudam a reinterpretar a imagem da enfermagem laica setecentista, traçando não só um quadro da sua atividade assistencialista mas também das condições laborais em contexto hospitalar.

**DESCRITORES:** História da Enfermagem; Hospital D. Lopo; Assistência Séc. XVIII; Serventes

### 4.32 Pilar de Borbón princesa e estudante de enfermagem (1951 - 1962).

Cristina Lavareda Baixinho<sup>1</sup>, Helga Rafael<sup>1</sup>, Isabel Pereira<sup>1</sup>, Alice Curado<sup>1</sup>, Óscar Ferreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. crbaixinho@esel.pt

---

**INTRODUÇÃO:** No final da primeira metade do século XX, a princesa Maria del Pilar Alfonsa Juana Victoria Luisa Ignacia de Todos los Santos de Borbón y Borbón-Dos Sicilias (Espanha), mais conhecida como Doña Pilar de de Borbón y Borbón-Dos Sicilias estudou enfermagem na Escola de Enfermagem Artur Ravara, uma das instituições educativas de Enfermagem que volvidos 50 anos deu origem à ESEL. Numa entrevista que deu a Lúcia Francesch (2012), publicada nas páginas da TELVA nº 884, revelou ter-lhe custado muito o primeiro mês de aulas, para o que, segundo ela, parecem ter contribuído as colegas que pareciam não a compreender.

**OBJETIVOS:** Identificar alguns colegas de Doña Pilar de de Borbón y Borbón-Dos Sicilias na Escola de Enfermagem Artur Ravara; Compreender a forma como os/as estudantes do curso de Doña Pilar a percebiam enquanto Infanta de Espanha e colega; Caracterizar a relação estabelecida entre a infanta espanhola e os diferentes atores institucionais (estudantes, professores, profissionais dos serviços, doentes).

**METODOLOGIA:** Investigação qualitativa com recurso a entrevistas em profundidade a 4 a 6 pessoas que à época eram estudantes de enfermagem na Escola de Enfermagem Artur Ravara, complementadas com documentos de arquivo da ESEL.

**FONTES:** Documentos de arquivo da ESEL; Imprensa da época Entrevistas de Doña Pilar publicadas na imprensa Espanhola no século XXI.

**RESULTADOS:** A investigação encontra-se a decorrer sendo precoce adiantar qualquer resultado.

**CONCLUSÕES:** Pilar de Borbón y Borbón-Dos Sicilias terminou o curso de Enfermagem na Escola de Enfermagem Artur Ravara no final dos anos 1950 tendo ingressado no Hospital de Santo António dos Capuchos onde trabalhou. Aparentemente não havia distinção de tratamento entre os colegas de curso, se bem que a presença da princesa na escola deu visibilidade à mesma fomentando o seu estatuto e o reconhecimento do ensino e profissão de enfermagem em Portugal.

**DESCRITORES:** História da Enfermagem; História Oral; Escola de Enfermagem Artur Ravara; Infantas de Espanha; Pilar de Borbón y Borbón.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS:**

- Aróstegui, J. (2001). *La investigación histórica: teoría y método*. Barcelona: Editorial Crítica SL.
- Eyre, P. (2011). *Segredos e mentiras da família real espanhola*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Franceschi, L. (2012). Con el debido respeto. *Telva Revista*, 884: pp: xx-xxx
- Yow, V. R. (2005). *Recording Oral History: a guide for the Humanities and Social Sciences*. 2<sup>nd</sup> ed. Walnut Creek, CA: Altamira Press.

### 4.33 O centenário de Haydée Guanais dourado: contributos para a enfermagem no norte-nordeste do Brasil

Gilberto Tadeu Reis da Silva<sup>1</sup>, Núbia Lino de Oliveira<sup>2</sup>, Juliana Costa Ribeiro<sup>3</sup>, Heloniza Oliveira Gonçalves Costa<sup>4</sup>, Cristina Maria Meira de Melo<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Pós-Doutor em Ensino em Ciências da Saúde, <sup>2</sup>Mestranda em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, <sup>3</sup>Pós-graduanda em Docência em Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, <sup>4</sup>Doutorado em Administração, Universidade Federal da Bahia, <sup>5</sup>Doutora em Saúde Pública, Universidade Federal da Bahia. gtadeucrcis@uol.com.br

**INTRODUÇÃO:** No ano do centenário de Haydée Guanais Dourado (1915-2015), torna-se crucial retratar a história de uma das pioneiras da Enfermagem brasileira que trouxe contribuições significativas para o fortalecimento de nossa categoria profissional, sobretudo nas regiões norte e nordeste do Brasil<sup>(1)</sup>. Sua participação nos encontros pelo desenvolvimento da Enfermagem enquanto profissão contribuiu para a sua institucionalização, com destaque para a lei do exercício profissional<sup>(2)</sup>.

**OBJETIVO:** Descrever a trajetória de vida de Haydée Guanais Dourado e seus contributos à Enfermagem no norte-nordeste do Brasil.

**METODOLOGIA:** Estudo descritivo, histórico-social, de abordagem qualitativa. O estudo foi aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, sob parecer no 663.359, o qual faz parte do projeto de tese de doutoramento, intitulado *“Militância Política de Enfermeiras no Estado da Bahia”*.

**FONTES:** Depoimentos orais e documentos pertencentes ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, livros e artigos que retratassem a história de vida de Haydée Guanais Dourado.

**RESULTADOS:** O resgate da história de Haydée perpassou por duas categorias: contornos da vida, a qual permitiu vislumbrar seus atributos pessoais, antecedentes familiares, culturais e o contexto histórico do período estudado. Sua maneira de agir, costumes, crenças e valores transmitidos e construídos por meio de suas relações sociais ao longo dos anos fizeram-na uma mulher diferente da sua época, munida de atitudes rígidas e convencida da importância do seu papel enquanto profissional ética e comprometida com a profissão; e trajetória profissional, a qual demonstrou a experiência vivida por Haydée enquanto militante da Enfermagem. Foi Enfermeira de Saúde Pública, Docente e Membro do Conselho Deliberativo da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, primeira Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, membro da Associação Brasileira de Enfermagem e editora-chefe da Revista Brasileira de Enfermagem.

**CONCLUSÃO:** A trajetória de vida de Haydée foi determinada por elementos de ordem econômica, cultural, política e ideológica, pautada em uma formação profissional crítica

e política capaz de contribuir com as transformações do contexto histórico no qual se inseria, tornando-a uma personalidade que se constituiu em um marco referencial para a profissão. A luta de Haydée na implantação da primeira Escola de Enfermagem do norte-nordeste do país, no levantamento das necessidades de enfermagem do país e legislação para a profissão, revelou a importância de sua atuação para a valorização e construção da identidade profissional da Enfermagem.

**REFERÊNCIAS:**

- Secaf V, Costa HCBVA. Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras. São Paulo (SP): Martinari; 2007.
- Barreira IA, Baptista SS. Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal. Rev Bras Enferm. 2002;62(3):275-292.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Associação Nacional de História de Enfermagem - ANHE cumpre mais uma vez seu compromisso, ao desafiar investigadores nacionais e estrangeiros e todos aqueles que se interessam por História, para, partilharem experiências e exporem resultados das suas investigações sobre a História de Enfermagem, através da realização do II Simpósio Internacional da ANHE “*Enfermagem na 1ª Metade do Século XX: Cenários e Contextos*”, ocorrido entre 9 e 10 de Novembro de 2015 no anfiteatro da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Pólo Artur Ravara.

A ANHE, sai reforçada o seu desígnio estatutário de desenvolver a investigação histórica, ajudando a suportar a história actual da profissão, construindo bases sólidas para o futuro e, contribuindo para a memória da profissão.

A História sempre exerceu um fascínio sobre os homens que resulta do pensar que se pode encontrar no passado algumas respostas sobre si próprio (Mattoso, 1997). Com a Enfermagem ocorre o mesmo. Conhecer a História da Enfermagem viabiliza um olhar crítico sobre os desenvolvimentos e percalços da profissão, reunindo dúvidas e respostas acerca do quotidiano. A este propósito, Soares (1997, p.13), refere que “o estudo do passado da enfermagem pode contribuir, de forma relevante, para a história dos sistemas e serviços de saúde e dos próprios cuidados de saúde...”.

Não á pesquisa histórica sem fontes. Elas representam o caminho que o pesquisador persegue de modo a (re)encontrar-se com o problema, proporcionando-lhe o contacto e a análise com o passado, recuperando a memória, ajudando a resgatar o passado para servir ao presente e ao futuro.

A procura de fontes (heurística) enquanto etapa determinante no desenvolvimento da investigação tem que merecer das instituições detentoras de património histórico de enfermagem, como acervos de documentos, iconográficos ou outros, uma melhor atenção e investimento na sua catalogação e, acima de tudo, na acessibilidade aos mesmos.

O programa do Simpósio foi organizado em três Eixos temáticos: Memória, História e Identidade de Enfermagem; Da Investigação Histórica ao conhecimento dos Cuidados de Enfermagem e Imagem Social da Enfermagem através do Traje. Em cada um deles existiu uma mesa redonda com três palestrantes cada.

Em paralelo decorreram 35 comunicações livres enquadradas na temática principal do simpósio “Enfermagem na 1ª Metade do Século XX”, sendo 57.14% (20) apresentadas por autores portugueses, 28.57% (10) por espanhóis e 14.28% (5) Brasileiros.

Integrado no terceiro eixo temático “Imagem Social da Enfermagem através do Traje”, decorreu a exposição “*O uniforme na enfermagem: seis décadas de história (Séc. XX)*” que incluiu 13 uniformes em tamanho real, 14 uniformes em miniatura e 80 fotografias, ilustrativas de sessenta anos de uniformes de enfermagem em Portugal.



Esta mostra de uniformes de enfermagem só foi possível graças à colaboração interinstitucional que reuniu os acervos da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa - ESEL, Escola Superior de Enfermagem de S. João de Deus - ESESJD, Escola Superior de Enfermagem do Porto - ESEP, Escola Superior de Enfermagem de S. Francisco das Misericórdias – ESESFM, Hospital de S. João - HSJ e de particulares.

No final deste simpósio foi homenageada a Sra. Enfermeira Marília Viterbo de Freitas, sócia fundadora da ANHE, membro da Direção e da Comissão Organizadora deste Simpósio e nos deixou fisicamente em 10 de Agosto de 2015.

A homenagem foi o reconhecimento da ANHE, à Mulher Enfermeira, Especialista em Enfermagem de Saúde Pública, Docente, Investigadora, Sindicalista, representou a enfermagem portuguesa em diferentes fóruns (comités e conferências internacionais do Grupo de Enfermeiros Investigadores da Europa (WERNIG), no Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN), no Fórum Europeu de Associações Nacionais de Enfermeiros e Parteiras (EFNNMA) da OMS, Conselho Permanente de Enfermeiros (PCN) e da Federação Ibero-Americana de Enfermagem (FIDE), integrando as ações que conduziram à integração da enfermagem no sistema educativo nacional e no ensino superior, pelo contributo impar que deu à enfermagem portuguesa, através da dedicação incansável à profissão e à sua dignificação.

A ANHE, convicta que a investigação em enfermagem só tem existência quando é comunicada e disponibilizada, congratula-se com a organização deste II Simpósio e com o sucesso que ele representa para a história da enfermagem e os contributos para a memória da profissão.

Em nome da Comissão Organizadora, expresso o reconhecimento aos nossos patrocinadores. Em primeiro lugar ao alto patrocínio da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, crucial e imprescindível na organização deste evento. A todos os outros patrocinadores institucionais e particulares quero exprimir o meu reconhecimento pela disponibilidade e apoio.

Aos que comigo trabalharam, quero demonstrar a minha enorme gratidão pela paciência com que sistematicamente me ajudaram a ultrapassar com eficácia as etapas organizativas deste II Simpósio, a todos o meu agradecimento.

Viriato Moreira

#### Bibliografia:

SOARES, I. (1997). Da Touca de Brim à blusa branca: Contributo para a história do ensino da Enfermagem em Portugal (1880 – 1950), Lisboa: Educa, Associação Portuguesa de Enfermeiros.

Mattoso, J. (1997), A escrita da História – Teoria e Métodos. Lisboa: Editorial Estampa.

**Comissão de Honra**

Germano Couto, (Bastimars do C. Lezandim)  
 Oscar Ferreira, (Associação de Aveiro)  
 Filomena Gaspar, (Hospital de Eids)  
 Francisca Hernández Kairán, (Universidade Complutense de Madrid)  
 José Siles González, (Instituto Complutense de Estudios de Madrid)  
 Tânia Ojuelo, (Univ. de Aveiro)

**Coordenador do Simpósio**

Vinísta Moreira, (Associação)

**Comissão Organizadora**

Tiago Casaleiro, (Enfermeiro, Cadeira III)  
 Maria Pais Vitorbe de Freitas, (Enfermeira)  
 Helga Rafael, (Enfermeira)  
 Cristina Barahim, (Enfermeira)  
 Luísa Lisboa-Santos, (Enfermeira)  
 Maria Isabel Soares, (Enfermeira)

**Comissão Científica**

Osami Ferreira, (Enfermeiro)  
 Luísa Lisboa-Santos, (Enfermeira)  
 Ana Maria Barros Pires, (Enfermeira)  
 Alice Curado, (Enfermeira)  
 Isabel Ferraz, (Enfermeira)  
 Helga Rafael, (Enfermeira)  
 Cristina Delavinho, (Enfermeira)  
 Leonora Vasconcelos, (Enfermeira)  
 Tânia Ojuelo, (Enfermeira)  
 Sílvia Gonçalves, (Enfermeira)  
 Isidoro Jiménez Rodríguez, (Enfermeiro, Pós-grad. de San Carlos)  
 Fernando Porto, (Enfermeiro, Pós-grad. de San Carlos)  
 Paulo Fernando de Souza Campos, (Investigador do ICS, ESE)  
 Olga Rodrigo Pedrosa, (Enfermeira, Pós-grad. de San Carlos)  
 Helena Silva, (Enfermeira, Pós-grad. de San Carlos)  
 Manuel Solórzano Sánchez, (Enfermeiro, Pós-grad. de San Carlos)

**II Simpósio Internacional da ANHE**  
 Enfermagem na 1ª metade do século XX:  
 Cenários e Contextos

**MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE DE ENFERMAGEM**  
 João Pinheiro (Quero)  
 Lucília Azeite

**DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA AO CONHECIMENTO DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM**  
 Edson e Rodrigues  
 Tânia da Silva

**IMAGEM SOCIAL DA ENFERMAGEM ATRAVÉS DO TRAJE**  
 Cláudia Vaz Pinto  
 Fernanda Parra  
 Tereza Vicentini

**9-10 Novembro de 2015**  
 Escola Superior de Enfermagem de Lisboa  
 Pólo Artur Ravara - Anfiteatro Av. D. João II  
 Lote 4.69.011.990-096 Lisboa

ANHE Associação Nacional de História da Enfermagem  
 ESEL Associação de Estudos de História da Enfermagem de Lisboa

**Contactos**  
<http://anne.pt/>  
[www.facebook.com/ANHHistoriaEnfermagem](http://www.facebook.com/ANHHistoriaEnfermagem)

As inscrições para o simpósio devem ser feitas em <http://anne.pt/>, sendo que após inscrição deverá ser enviado o comprovativo de transferência bancária.

- Sócios da ANHE, 10 euros
- Estudantes da Lic<sup>3</sup> da ESEL entrada gratuita (de acordo com a disponibilidade da sala)
- Não-sócios 30 euros
- Autores de Comunicações livres 50 euros ou inscrição socio da ANHE 30 euros (preço da quota anual) com oferta de lotaria valor de 20 euros.

Organizado por Associação Nacional de História da Enfermagem - ANHE  
 Patrocinado pela Associação de Estudos de História da Enfermagem de Lisboa - ESEL

<p><b>Dia 9 Novembro</b> II Simpósio Internacional da ANHE</p>	<p>08h30 Abertura do secretariado</p> <p>Mesa 1 9h-10h30m MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE DE ENFERMAGEM Moderadora: <b>Helga Rafael</b> <small>Prof<sup>a</sup> ESEL</small></p>	<p><b>João Medina</b> <small>Prof do Departamento de História da Faculdade de Letras da Uspas</small></p> <p><b>Lorena Sancho Querol</b> <small>Centro Estudos Sociais, Univ. Coimbra</small></p> <p><b>Lucília Nunes</b> <small>Prof<sup>a</sup> IP Setúbal</small></p>	<p>10h30m - 11h00 <b>SESSÃO SOLENE DE ABERTURA</b></p> <p><b>Isabel Pereira</b> <small>Comissária Científica</small></p> <p><b>Óscar Ferreira</b> <small>Presidente da ANHE</small></p> <p><b>Filomena Gaspar</b> <small>Presidente ESEL</small></p> <p><b>Germano Couto</b> <small>Bastanteiro da Ordem dos Enfermeiros (a confirmar)</small></p>	<p>11h00m - 11h30m <b>ABERTURA DA EXPOSIÇÃO</b> "História dos Uniformes de Enfermagem"</p> <p>Coffee break</p>	<p>11h30-13h <b>COMUNICAÇÕES LIVRES</b> Moderador: <b>Tiago Casaleiro</b>, <small>CSF/Inal, ICBUP</small></p>
<p><b>Dia 9 Novembro</b> II Simpósio Internacional da ANHE</p>	<p>13h00 Almoço Livre</p> <p>Mesa 2 14h30m - 16h00 <b>DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA AO CONHECIMENTO DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM</b> Moderador: <b>Maria Alice Curado</b> <small>Prof<sup>a</sup> ESEL</small></p>	<p><b>Isidoro Rodriguez</b>, <small>Prof. Univ. Rey Juan Carlos, Espanha</small></p> <p><b>Helena Silva</b>, <small>Prof<sup>a</sup> e Investigadora do IHC, Lisboa</small></p> <p><b>Luis Lisboa Santos</b>, <small>Prof. ESESFM</small></p>	<p>16h00m-16h30m Coffee break</p> <p>16h30m - 18h00 <b>COMUNICAÇÕES LIVRES</b> Moderador: <b>Cristina Baixinho</b>, <small>Prof<sup>a</sup> ESEL</small></p>	<p>19h30m Jantar Convívio</p>	<p><b>Dia 10 Novembro</b> II Simpósio Internacional da ANHE</p>
<p><b>Dia 10 Novembro</b> II Simpósio Internacional da ANHE</p>	<p><b>Clara Vaz Pinto</b>, <small>Conservadora do Museu Nac. Traje</small></p> <p><b>Fernando Porto</b>, <small>Prof. e Investigador do LIAS/HE, Braga</small></p> <p><b>Irene Vaquinhas</b>, <small>Prof<sup>a</sup> Faculdade de Letras da Univ. Coimbra</small></p> <p>10h30m-11h00 Coffee break</p> <p>11h-12h30m <b>COMUNICAÇÕES LIVRES</b> Moderador: <b>Leandra Vasconcelos</b>, <small>Tec<sup>a</sup> Sup, Aq, ESEL</small></p>	<p>12h30m Discussão de Posters</p>	<p>13h00 Almoço Livre</p>	<p>14h00 - 15h30m <b>COMUNICAÇÕES LIVRES</b> Moderador: <b>Luis Lisboa Santos</b>, <small>Prof. ESESFM</small></p> <p>15h30m <b>Entrega dos PRÉMIOS CARREIRA</b></p>	<p>16h00 <b>SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO</b> <b>Alice Curado</b> - <small>Presidente AG ANHE</small></p> <p><b>Viriato Moreira</b> - <small>Coordenador do II Simpósio da ANHE</small> Representante da Ass. Espanha Representante da Ass. Brasileira</p>
<p>17h00 <b>PORTO DE HONRA</b></p>	<p>Mesa 3 9h00 - 10h30m <b>IMAGEM SOCIAL DA ENFERMAGEM ATRAVÉS DO TRAJE</b> Moderador: <b>Ana Barros Pires</b>, <small>Prof<sup>a</sup> IP Beja</small></p>				

# II Simpósio Internacional da ANHE

Enfermagem na 1ª metade do século XX:  
Cenários e Contextos

1940  
1930  
1920  
1910  
1900



Imagem | Escola de Enfermagem Doutor Ângelo da Fonseca, sala de demonstração do lar, Anos 50

## MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE DE ENFERMAGEM

João Medina  
Lorena Carol  
Lucília Nunes

## DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA AO CONHECIMENTO DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM

Isidoro Rodrigues  
Helena Silva  
Luís Lisboa Santos

## IMAGEM SOCIAL DA ENFERMAGEM ATRAVÉS DO TRAJE

Clara Vaz Pinto  
Fernando Porto  
Irene Vaquinhas

Organizado por Associação Nacional de História de Enfermagem  
Parceiro Institucional - ESEL



9-10  
Novembro  
de 2015

## Contactos

<http://anhe.pt/>  
[www.facebook.com/ANHistoriaEnfermagem](http://www.facebook.com/ANHistoriaEnfermagem)

Escola Superior de Enfermagem de Lisboa  
pólo Artur Ravara - Anfiteatro Av. D. João II  
Lote 4.69.011990-096 Lisboa

